

BREVE NOTICIA
SOBRE A
ILHA DA MADEIRA.

OU

*Memorias sobre a sua Geographia, Historia,
Geologia, Topographia, Agricultura,
Commercio etc. etc. etc.*

OFFERECIDA

A SUA Magestade Fidelissima

A Sr.^a D.^a Maria Segunda.

POR SEU FIEL E AMANTE SUBDITO

Paulo Perestrella da Camara.



N. 49. 157

LISBOA.

Typographia da A. das Bellas Artes.
Rua de S. José N.º 8.

1847.

Senhora

Com o mais profundo respeito e acatamento, levo á benigna Presença de Vossa Magestade o presente Escripto, não-confiando na diminuta sufficiencia d'elle, mas sim na summa bondade e indulgencia de Vossa Magestade, e no seu amor para com as Artes liberaes, a fim de que benignamente o acólba, concedendo-me a distincta honra de collocar na frente d'elle o Augusto Nome de Vossa Magestade, como o mais seguro penhor de ser bem accedido pelo Publico.

Bem quizera que esta Produção fosse digna de ser offerrecida a Vossa Magestade, ou com exactidão descrevesse a riqueza, civilisação e prosperidade da mais importante de todas as Colonias Portuguezas; porém os desejos de contribuir, ainda que debilmente, para fazer conhecida a Patria, me induziram a entrar com este diminuto contingente, que espero será olhado com indulgencia por Vossa Magestade, a quem Deos conserve em sua Santa Guarda.

De Vossa Magestade

O mais fiel e amante subdito

Paulo Perestrello da Camara.

P R O L O G O .

A Ilha da Madeira, tão afamada pela excellência dos seus preciosos Vinhos, não menos o deve ser pela bondade do seu clima, variedade de suas produções, importancia politica e geographica, e por fim, seu estado de civilisação e prosperidade.

Com quanto importe ao publico, e principalmente ao Portuguez, o conhecimento de tão importante Colonia, infelizmente devemos confessar, que estando entre nós ainda na infancia, os estudos geographicos patrios, ainda mais devem estar os relativos a Paizes distantes, ainda que relacionados com nosco, sendo de nós mesmos filiaes; é pois meu intento, lançar alguma luz sobre as trevas em que está envolvida tão importante ilha, restando-me a magoa de pouco ter feito, por escassos serem os materiaes ao meu alcance, em que me baseei: suppião pois as minhas boas tenções e a indulgencia do Publico, o que a falta de meios me não facultou.

Notarei aqui, em abono da boa fé, que tendo-me vindo á mão alguns fragmentos relativos a esta ilha, escriptos pelo Dr. Drummond, e publicados na *Flor do Oceano*, delle aproveitei, o que julguei veridico, assim como do Manuscripto de Gaspar Fructuoso, no tocante á sua descoberta e povoação.



CAPITULO I.

*Situação. Extensão. Aspecto geral
d'esta Ilha, e sua geologia. Seu
descobrimento.*



O archipelago denominado da Madeira, no Oceano Atlantico, comprehende a ilha d'este nome, a do Porto Santo, e as Desertas, mediando entre Lat. N. $33^{\circ} - 5'$ e $32^{\circ} - 25'$. Longitude occidental do observatorio de Greenwich $17^{\circ} - 20'$ e $16^{\circ} - 15'$ Igualmente do Meridiano de Lisboa, dista perto de 7 graus para oeste, mas a ilha da Madeira de per si, a qual fórma o thema da presente Memoria está situada na latitude $32^{\circ} - 37'$ e quasi $7^{\circ} - 7'$ a oeste do observatorio de Lisboa, d'onde dista quasi 150 legoas Portuguezas a sudoeste, outras tantas a sueste do archipelago Açoriano, perto de 90 das Canariás e pouco mais de 100 da cidade de Mogador, na costa d'Africa, sendo este o continente que lhe fica mais proximo.

A sua maior extensão, pouco excede 17 legoas portuguezas, desde o cabo leste de S. Lourenço, ao da Ponta do Pargo, na parte mais occidental. A sua largura chega a perto de 5 legoas desde a ponta de S. Jorge no mar do norte, até á ponta da Cruz perto do Funchal, variando em partes de 3 a 3 e meia legoas, e apresentando uma totalidade ou superficie de perto de 70. D'estes dois ultimos cabos, para a parte do Nascente, vai a ilha estreitando consideravelmente, assemelhando-se a uma folha d'alamo, e termina na sua extremidade oriental, em uma estreita lingoa de terra comprida de mais de uma legoa.

O mar é profundo, e limpo de recifes e baixos em quasi toda a sua extensão, exceptuando, 1.º a parte reintrante da costa do Norte, onde ha alguns rochedos ilhados, taes como o ilheo em frente da Ribeira da Janella, e do Porto do Moniz &c, 2.º a Ponta do Pargo, onde se estende no Mar um baixo, sobre o qual a vaga rebenta com impeto consideravel obrigando os barcos a afastar se em boa distancia da terra para dobra-la. 3.º o ilheo do Gorgulho, a baixa do Carneiro, e ilheo fortificado em frente do Funchal, assim como o reducto da Ponta da, o qual apesar de formar uma península unida a terra artificialmente, não deixa de ser uma ilhota de basalto, e finalmente a ponta de S. Lourenço, circundada de alguns rochedos ilhados,

e pequenos cabeços de rocha que ás agoas cobrem.

A Madeira apresenta em todo o seu comprimento uma elevação geral, ou massa de montanhas consideravelmente elevadas, em cima da qual sobressahem diversos picos e cristas estreitas, que marcão a sua linha culminante, determinando a partilha das agoas, entre as costas, meridional e septentrional.

Esta serrania é quazi toda irregular, sinuosa e profundamente cortada pela maneira a mais variada, sendo muitas vezes a partilha ou direcção das agoas, determinadas por cumes de uma insignificante dimensão, terminados por precipícios profundos, e formando assim, como paredes divisorias. As unicas planicies um pouco extensas, que se encontram no cume d'esta cordilheira são 1.ª, a denominada Paul da Serra, com perto de 3 legoas de comprimento, inhabitada e inculta, 2.ª a de St.º Antonio da Serra, menos extensa e quazi que meiacultivada, e 3.ª as Achadas, ou terra chã no termo da villa do Porto do Moniz, não fallando em algumas outras de menos nota, que se achão para a parte do poente. Segundo Bowdich, viajante Inglez, o Paul da Serra, acha-se a 5:159 pés d'altura acima do nível do mar.

As vertentes d'esta extensa serrania, são completamente incultas e inhabitadas na extensão de 2 ou 3 leguas de terreno, tanto

para o Norte como Sul, de maneira que a cultura d'esta ilha não se estende além de 1 legoa da costa, na parte do sul e pouco mais no Norte. Calculo pois que o seu terreno entregue á lavoura, não chega á terça parte da sua totalidade, sendo o restante baldio ou productivo unicamente em lenhas, giestas e feiteiras.

Esta ilha no seu descobrimento, devia apresentar um dos mais romanticos e magestosos quadros da Natureza. Estava toda a sua superficie cubierta de um basto e frondoso arvoredo, onde raramente havião de penetrar os raios do astro do dia. O til, o cedro, o vinhatigu, o dragoeiro, se achavão entrelaçados com a urza a murta a giesta, pelo silvado, pelas eras e outros arbustos trepadores os quaes tecendo festões de ramo em ramo, davão impenetravel sombra a um terreno virgem, tornando mais abundantes os mananciaes de agoas cristalinas e perennes. Em uma palavra, a vegetação era tão basta, a humidade tal, e a nevoa por ella produzida tão densa, que durante perto de 2 annos, viveram os habitantes do Porto Santo ignorando a existencia de uma ilha tão visinha e grande, attribuindo a motivos supresticiosos, o negrume que de continuo sobre ella planava. Não se encontrava aqui, animal algum venenoso ou feroz se exceptuarmos a tarantula. Nestas solidões taciturnas, habitavam, o milhafre, o môxo, o gavião a coruja e ou-

tras aves de rapina, e modulavão seus gor-geios uma diversidade de passaros indigenas. Erão variadas as especies d'aves aquaticas, que se aninhavão nos seus rochedos, e de uma mansidão tal, que se deixavão apanhar a mão quando ahí aportarão os companheiros de Zargo. Mas tão romantico e aprazivel retiro, em pouco foi sacrificado á cobiça e rapacidade do homem, no que não teve pequena parte a ignorancia e o vandalismo dos tempos!

Receosos os descobridores que esta ilha encerrasse nas suas densas matas, animaes ferozes, com o intento de melhor a poder explorar, largarão-lhe fogo, o qual ateou logo por toda a parte, consumindo quazi tudo com grave detrimento da fazenda d'Elrei. Alguns attribuem este destroço a motivo differente, e dizem: que tratando os novos Donatarios de começar a cultura dos seus terrenos, João G. Zargo mandara roçar e queimar algum mato no val dos Funchos, isto é no Funchal, e communicando-se o incendio aos bosques, não foi possível extingui-lo, senão no fim de 7 annos, tendo destruido grande porção de madeiras proprias da construcção naval, por cuja razão sentiu o Infante D. Henrique este desastre, como quem tinha todos os seus pensamentos applicados no augmento e prosperidade da marinha. O Jesuita Cordeiro, affirma que com as madeiras d'esta ilha, se começaram a fazer navios grandes de gavia

e castello d'ávanté, não havendo d'antes mais que caravellas do Algarve e barineis de Lisboa. Tal era pois a sua abundancia e boa qualidade, que unanimemente ficou chamada, Ilha da *Madeira*.

Tendo pois a conflagração e o braço do homem, derrubado essa extraordinaria vegetação, ficou a ilha com o esqueleto á vella, e nelle mostrando os effeitos das horriveis catastrophes de que foi victima da Natureza. He sem duvida, que em épocas remotas, diversos vulcões e terremotos a abalarão e romperão, mergulhando ao mesmo tempo em profundos abismos, as partes que devião ser contiguas com a mesma ilha, deixando quasi toda a sua circumferencia talhada a prumo.

Sendo o seu esqueleto central, pois, de sílex ou pedra viva, cuberta de argila vegetal e de projecções vulcanicas, em parte balsáticas; e as suas faldas de taboleiros de lava em grande declive, logo os primeiros povoadores atinirão que sem amudadas regaduras não podião naquellesolo, ja escaldado e arido, conservar uma viçosa plantação.

Em consequência, empregarão se na construcção e tfragem de grandes levadas, nas ribeiras e sérras, cortando e furando montes, com respeitavel e custosa mão d'obra, trabalhos que ao depois se duplicarão, quando se generalisou a cultura da cana de açúcar e vinha.

A configuração geral da Madeira, assemelha-se a uma pyramide deitada, cuja base é a costa do Poente, com perto de 3 legoas de littoral entre as pontas do *Pargo* e de *Tristão*. As vertentes da sua serraania são muito mais despenhadas da parte do Norte, o que junto á raridade das praias e enseadas, e aos ventos do quadrante do Norte que na maior parte do anno sopráo com violencia nestas paragens, tornão a dita costa de N. completamente inhospita para navios, e difficilmente abordavel para barcos, tendo apenas um ancoradouro de refugio, com caes, no Porto do *Moniz*, e outro inferior no Porto da Cruz.

Abordada pelo N. esta ilha apresenta um aspecto em extremo magestoso, e de uma horrorosa belleza, desenvolvendo pela longa extensão da costa, as suas gigantescas escarpas, de côr bronzeada, á maneira de uma muralha immensa, na base da qual rebentão com ruido as ondas de um mar quasi sempre revoltó, e coroada nas suas alturas por uma copada verdura, devida á fresquidão e methodo do cultivo adoptado naquellas partes, cuja producção principal provem das vinhas de comprida cepa, sustentadas sobre arvoredo, ao que no paiz chamão *balume*.

Acima d'esta cinta inferior, apparecem as alturas successivas do terreno subindo até os cumes centaes, calvos, descarnados, e cortados variadamente por um sem numero d'es-

cavações e de barrancos cubertos de nevoa, que quasi sempre repousa a meia montanha, e verificando a paizagem, uma cor ora bronzeada ora denegrida, devida á natureza das suas rochas pyrogeneas, e á verdura da vegetação, abrilhantada pelo ardor de um sol meridional. Todo este alcantilado *plateau*, é, d'espáço a espáço rasgado até o nivel do mar, pelas agoas, que reunidas no inverno em ribeiras, se precipitão do alto das serras ao longo dos rapidos declives de toda a ilha em direcção á costa do mar. Destas as principaes são, na região do Norte: a Ribeira da Janella, a do S. Vicente, a do S. Jorge e a da Penha d'Agua no Fayal.

Para a parte do Sul, a serra decliva mais suavemente, como já disse: por isso os terrenos d'este lado são mais assentes, e as escarpas sobre o mar mais baixas e em menor numero. D'aqui resulta tambem ter este lado mais valles maritimos como são: os da Ribeira brava, Camara de Lobos até ao Funchal, St. Cruz, e Machico & c. possuindo além d'estes, diversos outros desembarcadouros, o que junto ao abrigo do vento N. dominante, faz com que os barcos e navios encontrem n'esta costa uma segurança e abrigo que a do N. lhe nega.

Cortão a região do Sul amudadas ribeiras, as quaes seccas, ou quazi, no verão, recebem no inverno grande copia d'agua, cuja densidade augmentada pelas pedras e terras,

que o seu rapido declive lhe permite arrastar, lhes dá a força sufficiente para produzir innumavelmente estragos consideraveis. As principaes ribeiras da parte do Sul, são: a de Machico, St.^a Cruz, Porto novo, as 2 da cidade do Funchal, a dos Soccorridos a Brava, a da Ponta do Sol, Magdalena, da Calheta e a da Galé ou dos Marinheiros. Alem d'estas principaes, ha outras que decem perpendicularmente ao mar, e que juntamente com as affluentes das principaes, rasgão a superficie do solo em todas as direcções, e dão ao paiz uma irregularidade e aspereza, que tornão o transito difficiltoço o enfadonho.

Todavia, se por uma parte, estes córtes frequentes e por vezes profundos e esabrosos, empecem o caminho ao viandante, por outra apresentão aos seus olhos e á sua imaginação as paizagens e optica mais pitoresca e romantica, descobrindo-lhe umas vezes escarpas e precipícios de uma magestade assombrosa e terrivel, assim como valles erectos de uma belleza amena e graça variada, que difficilmente podem ser igualadas mas não excedidas. Se o braco imprevidente e devastador do animal pensador, não tivesse despojado a quazi totalidade da sua superficie do seu bastissimo e rico arvoredo, seria esta ilha sem duvida, hoje hum dos sitios mais apraziveis e amenos, do universo.

Quando deixadas as sinuosidades dos val-

les, se sobe aos cumes mais elevados da sua serra, a Madeira apresenta a cada passo, vistas extensas e variadas, cuja descripção excede a força da eloquencia, e das quaes nem o pincel do paisagista poderia traçar mais que uma aproximada idéa. Assim é mister, para apreciá-las, ter trepado as alturas do Arrebentão, por traz da igreja do Monte, as gargantas dos Picos sobre o Corral, os desfiladeiros que conduzem ao Jardim da Serra, a vista da Portella sobre o Porto da cruz, as alturas de St.^a Anna, o chão da Quebrada dos Ferreiros por cima da Ribeira da Janella, as planícies de St.^a Maria Magdalena, e a descida para o Porto do Moniz, para o Jardim do mar, e para S.^t Jorgê, assim como as alturas das Torrinhãs, dos Picos e por fim a do Pico do Ruivo, alto de mais de 6000 pés, o qual centralisa a longa cordilheira que atravessa esta ilha de leste a oeste. Estas e outras posições singulares pagão sobejamente a um amante das bellezas naturaes, a fadiga necessaria para chegar a ellas.

A constituição do terreno da Madeira, e a presença por toda a parte de camadas verticaes de basalto, repousando sobre outras tantas de rocha menos consistente, aminha os saltos e rebanceiras nas encostas, e com elles torna frequentes as cascatas e quedas d'agua. Entre estas são notaveis as fontes do Rabaçal, as cascatas do Paul do mar, do Por-

to do Moniz, do Campanário, e a da Fundoa, nas vizinhanças do Funchal.

E' durante as grandes chuvas d'inverno que se presençea em alguns sitios d'esta ilha, um dos mais singulares e pavorosos espectáculos que a Natureza póde exhibir. Nos valles maritimos que tem por muralha central alcantiladas escarpas de rocha, quasi talhada a prumo, e cujo terreno superior apresenta alguma planicie pouco rasgada por regatos, e onde as agoas achão diminuta evacuação para a costa, tem lugar esta magestosa scena. Assim como as chuvas nesta ilha são de pequena duração, tanto mais densidade em geral trazem na sua massa, e na rapidez com que são arrojadas para o grande receptaculo, em consequencia da configuração montanhosa do paiz. Assim, durante os fortes aguaceiros, parecem submergir-se debaixo de innumeraveis torrentes e cascadas da agoa barrenta as fajãs do Paul, do Jardim, do Porto do Moniz etc. e então seus atemorizados habitantes, com razão se devem considerar separados do resto do universo, pois o céu parece desfazer-se em cataractas para os abismar, ao mesmo passo que o mar arrojando-se com furia á costa, lhes nega um refugio no seu elemento! Os estrangeiros principalmente, pasmão; quando presençeaõ tão original espectáculo.

Esta ilha era inteiramente desconhecida dos antigos. Apesar de quèrerem alguns aũs

thores, que ella formasse parte da fabulosa ilha Atlanta, a qual devia abraugar no seu seio os archipelagos do Cabo Verde, Açores e Canarias, e que alguma revolução da Natureza dividira e abismára, nenhuma verosmil conjectura ou prova existe, para accreditar-mos semelhante opinião. Foi igualmente a de muitos, ha alguns seculos, que todas as ilhas do Oceano Atlantico, isto é, as 4 archipelagos que estão entre latitude 12 a 40, forão em seu principio partes do continente da Africa e Europa, partes contiguas a ellas, e sem entre si e a terra firme haver mar; assim escreve o Jesuita Cordeiro, author cheio de maravilhoso e de parcialidade. D'esta sorte accrescenta elle. "As ilhas dos Açores se continuavão com a terra de Cintra e por esta, com a serra da Estrella que em Cintra vem a acabar; e que as ilhas da Madeira e Porto Santo, erão contiguas com a Serra de Monchique no Algalve, as Canarias com o continente Africano assim como as ilhas do Cabo Verde." Deixando pois aos naturalistas e aos amigos do maravilhoso recrearem sua imaginação, tratemos de investigar o que estiver ao nosso alcance de maior interesse.

A descoberta d'esta ilha deve-se a um fortuito arontecimento, o qual se não estivesse bem comprovado, passaria de certo por maravilhoso. Um mancebo Inglez chamado Machim, pertendeu a mão de uma mienina,

a qual lhe foi negada pelos parentes. Decididos ambos a tudo empreender para saciar sua paixão, e vendo que na sua patria nada poderiam conseguir, embarcarão-se com mais alguns amigos imprudentes em um navio, que tencionarão conduzir para a França. Passava-se esta scena em Bristol, na Inglaterra. Entregues pois á mercê das ondas do Oceano, sem piloto que os soubesse guiar, depois de se terem considerado perdidos por muitos dias, vierão a encontrar-se com uma terra deserta que julgarão ilha. Desembarcarão pois neste porto de salvação.

Era a terra a Iladeira, e o sitio onde n'ella posérão pé, a bahia de Máchico. A providencia com tudo ainda reservava maiores dissabores aos infelizes peregrinos, pois na terceira noite soprou uma tão forte rajada de vento que logo fez desaparecer a embarcação com alguns da comitiva o que causou tal dôr á Dama que em pouco expirou; seu amante sobreviveu lhe poucos dias, e os restantes companheiros, depois de os sepultar recolhendo os mantimentos que poderão, se embarcárão no lanchão do navio, que ficara varado, a tentar se achavão algum paiz habitado. Pouco medeou, que forão parar na costa da Berberia, onde sendo feitos escravos, forão levados para Marrocos. Pertendem os authores Portuguezes e Ingлезes que esta aventura tivesse lugar no anno de 1844, porém adiante veremos que

foi muito posterior. Existira ali entre muitos christãos, um João de Morales, piloto castelhano, o qual colheu dos nossos aventureiros os pormenores de seu tragico infortunio, informando-se com attenção de tudo quanto dizia respeito á terra descoberta. Resgatado este piloto e communicando as suas informações nauticas ao capitão João G. Zargo, fidalgo da casa do Infante D. Henrique, este os mandou a ambos, á descoberta da nova terra. Fizerão se pois á volla no mez de Junho de 1419 e em pouco chegarão á ilha do Porto Santo, já descoberta havião 2 annos, a qual El Rei D. João 1.º deu em Donataria a Bartholomeu Perestrelo, fidalgo da casa do Infante D. João, seu irmão.

Os historiadores Portuguezes, differem quasi todos na narração d'este acontecimento; isto é, na certeza da epoca, e no principio que moveo o Infante ou J. G. Zargo a esta descoberta. Faria e Souza, Barros, A. Galvão, Quintella, todos varião do anno de 1418 a 1422, tal era a incuria que tinham os nossos avós de fazer archivar a memoria de acontecimentos tão transcendentos. Eu sou de opinião que fora descoberta a Madeira em 1419, sendo esta a epoca que mais razoavelmente posso coincidir, com outros factos coevos, que a isso me induzem crer; no entanto diz o douto almirante Quintella que „em 1420 se descobria do Porto Santo a uma consideravel distancia, um perpetuo negrão

me que nada deixava enxergar, e a superstição do tempo figurava como objecto sobrenatural e horroroso. Com tudo 2 capitães que que o Infante mandara navegar alem do cabo Bojador, arrojados do temporal, forão dar ao Porto Santo, e d'aqui tentárão investigar o phenomeno que sempre tinham em vista. Com effeito a 2 de Julho do dito anno fizeram força de vella, mas com grande temor, para o dito negrume, e ja cercados d'elle forão descobrindo por entre a nevoa uns altos picos cubertos de frondoso arvoredo, adiante dos quaes forão surgir. Ao amanhecer do dia seguinte separarão-se os 2 descobridores para colher informações sobre esta terra virgem, e em pouco depararão com as sepulturas dos 2 Inglezes. Voltando pois para o Reino, e dando parte de tão importante descoberta ao Infante D. Henrique e querendo esto remunerar os serviços dos dois benemeritos cavalleiros, devidio a ilha em duas capitánias, e as deu a elles, em título de Donataria. A da parte meridional, coube a João Gonçalves Zargo, o qual ao depois mudou este appellido pelo de Camara, e é o tronco da illustre familia dos Camaras d'esta ilha, como adiante veremos: e quasi toda a parte do Norte com pequena porção do Sul tocou ao outro capitão Tristão Vaz Teixeira. Na narração relativa ao segundo descobrimento e doação d'esta ilha, que em outro lugar tratarei, reservo-me relatar estes factos mais methodica e amplamente.

CAPITULO II.

*Clima. Povoação. Costumes.**Industria. Producções.**Animaes.*

O clima da Madeira, é sem dvida o melhor que no mundo se conhece. Situada debaixo de uma zona temperada, em pouco mais de 32 graus de latitude Norte, goza ao mesmo tempo da suavidade da sua temperatura no inverno, e no verão é modificada e temperada pelas aragens e travessias que de continuo por todos os lados sopráo e a refrescão. As brisas do Norte, principalmente, são quazi continuas, e ás vezes reinão com impetuosidade, a ponto de assumirem o character do furacão oriental. Quando assim acontece nos 3 mezes em que a uva se refaz de succo, então, adeos esperanças lisongeiras do vinhateiro, adeos expectativa fagueira de um melhor futuro na familia do agraçado proprietario; por terra jaz inutiliza-

do o idolo que vos ia liberalisar a abundancia e a alegria! Muito feliz ainda se pode considerar o dono, se da calamidade só participou o fructo, pois ás vezes fica a cepa despedaçada e derrocada, porque estando a vide entrelaçada no baiseiro, e vindo este ao chão, impellido pelo vento, segue necessariamente o mesmo destino, e fica despojada do fructo e extirpada.

Ha outro vento que causa os mesmos estragos, sendo alem disso mui nocivo para os corpos: é o Leste, o qual atravessando os areaes ardentes do deserto de Zaharra na Africa, vem soprando com fortes e quentes rajadas, produzindo febres e um calor excessivo, crestando ao mesmo tempo a uva que deixou na parreira. Fez-se notavel um d'estes flagellos, no dia 24 d'agosto de 1815. Chegara ao porto do Funchal, uma esquadra Ingieza, conduzindo a bordo o ex-Imperador Napoleão Buonaparte, captivo para a Ilha de St.^a Helena. Com a chegada d'este extraordinario mimo e engeitado da fortuna, sobreveio um espantoso Leste, que destruiu grande parte da novidade de vinho, assemelhando-se a atmosphera a chamas de fogo. Este acaso, o vulgo supersticiosamente o attribui á presença do illostre prisioneiro.

Voltando á bondade do clima d'esta ilha, basta dizer, que os Ingleses tanto o tem experimentado saudavel e proficuo para a convalescença dos seus doentes, que actualmen-

te estão fazendo da cidade do Funchal e seus contornos quasi que um lazareto ou hospital dos seus tísicos e consumptivos. Não menos de 500 vão para lá invernar annualmente; mas se por uma parte, apesar de economisarem, gastão no paiz um avultado número, que lhe redonda em sensível beneficio; por outra lhe tem introduzido as molestias pegadiças que tanto reinão na Inglaterra, as quaes se nota tem ido em progressivo augmento na Madeira, desde que ampliou suas relações commerciaes com a Inglaterra, sendo esses contagios inteiramente desconhecidos nos priscos tempos, em que seus habitantes caprichavão em ser os naturaes e encarniçados inimigos de uma nação que, a par de os expoliar do exclusivo das transacções commerciaes, monopolisando todos os intrêsses com seu avultado cabedal, introduzia no seu paiz germe de doenças nelle desconhecidas, inherentes e resultantes de uma toldada, húmida e doentia atmosphera como a de Londres.

Contudo a Providencia se deve o não se generalisarem taes flagellos. Os habitantes dos campos, vivendo quasi absolutamente estranhos e incommunicaveis com seus empastados hospedes, e seu benefico clima opondo uma barreira á ramificação de taes epidemias, tem-se geralmente conservado illesos; mas é para temer que com o correr dos tempos e communicação com aquelles estrangeiros, não venha esta abençoada pro-

vinha Portuguesa, a adulterar completamente a constituição robusta e sadia dos seus filhos, com a tísica e abastardada compleição dos Ingleses.

Esta ilha com bastante razão denominada a *Flôr do Oceano*, nunca foi assaltada da peste, nem de algum dos contagios que tanto affligem, e distroem os demais povos que vivem debaixo da mesma zona, principalmente no Levante e colonias da America. Até mesmo as febres e bexigas, que por vezes a vizitávão, hoje raramente e com menor estrago atacam, o que se deve attribuir á introdução da vacina. A cholera morbus, esse flagello da humanidade cuja natureza e cura, até agora tem sido incompreensivel ao conhecimento humano, e que nestes ultimos annos fez o giro do globo, ceifando a duodecima parte da sua povoação, não chegou a penetrar na Madeira, onde apenas reinava na mesma época em que grassava em Portugal, uma pequena febre conhecida pelo nome de *Influença*.

A povoação actual da Madeira chega a perto de 104:000 almas, incluindo os estrangeiros e tropa de linha. Nesta ilha chegou a haver uma numerosa porção de gente de cor trazida do Brazil, d'Africa e da mãe patria para o cultivo da canna d'assucar, mas esta raça se foi gradualmente extinguindo com a mesma proporção da decadencia d'este genero, e hoje se acha reduzida ao numero de

400 pessoas d'ambos os sexos entre negros e mulatos. Diz Gaspar Fructuoso, que no rol da confissão do anno de 1552, se acharão na cidade do Funchal entre negros e mulatos captivos d'ambos os sexos 2:700, e depois, no mesmo anno, foram ter a ella 4 navios com 800 escravos, que fizeram por todos 3:000. No 2.º anno do reinado de Filippo 2.º, isto é, em 1582, chegava o numero d'escravos de cor d'ambos os sexos e de toda a idade a 4:330, segundo o recenseamento que o mesmo intruso Monarcha, mandara fazer. Supponho porem que este for o maior numero a que chegarão.

Sem com tudo dar 146:446 habitantes á Madeira como fez o Sr. Molizinho d'Albuquerque, com tudo acho que ja excedem 104:000 que hoje tem, pois nestes ultimos annos, a emigração para o Brazil e colonias Inglesas do Sul d'America tem sido espantosa. A decantada philanthropia Inglesa, que emprega todos os meios possíveis para acabar com a escravatura africana, cujos navios aprisionão e roubão com esse pretexto impunemente qualquer embarcação mesmo não suspeito, esta diabolica humanidade, digo, na ilha da Madeira, mostra bem o seu verdadeiro espirito.

Não contentes em trazer os proprietários escravizados, com seu dinheiro, como adiante mostrarei, quando tratar do movimento mercantil dos vinhos, nuyssos allfados

Inglezes, todos os annos vão recrutar da Madeira, centenaes de infelizes incautos, para irem fertilisar as suas colonias d'Oeste, paragens infestas, contagiosas, de um clima abrazador, onde o desgraçado habitante de uma zona temperada, em pouco succumbe senão victima de uma atmosphera infectada, debaixo de peizadas fadigas e á mingua de um alimento sã e nutriente. Mais feliz ainda é o negro escravo, como est' outro, porque costumado á mandioca e cachaça, não sofre dissenterias e febres, como o branco, com quem partilha a mesma ração e a do vergalho! Ditoso aquelle que se pode subtrahir a semelhantes tigres! As autoridades d'esta ilha ultimamente tem praticado esforços para impedir tal emigração, manifestand'o ao illudido povo o laço atroz d'estes negociantes de carne christãa, mas o miseravel yadio ou rapaz incauto, a quem se offerece algum dinheiro e recheião de lisongeiras promessas, facilmente se deixa fascinar, e cair na cilada! (a)

(a) Na obra Ingleza que tem por titulo — Verdades das Oest Indias, impressa em 1838, vem a seguinte supplica dos colonos Portuguezes na ilha da Trindade, a qual aqui transcrevo para conhecimento do publico: — A. S. Ex.º. Lugar Tenente Governador da Trindade.

A humilde supplica dos abaixo assignados subditos da coroa de Portugal, respeitosa e representa:

Que com muitos outros de seus concidadãos forão induzidos por pessoas mal intencionadas, e debaixo de falsos pretextos, a deixar a sua naturalidade, a illia do Fayal, para

Voltando ao artigo população, transcreverei alguns recenseamentos para mostrar a rápida proporção progressiva que nella tem havido.

serem agricultores nesta colonia. Do numero total assim empregado, apenas uma terça parte conserva a existencia. O resto tem caído victimia ou da insalubridade do clima, ou da crueldade do sistema d'esclavidão, ao qual estão sujeitos juntamente com os infelizes Negros. Deixamos aos especuladores de sangue humano, negar a seu arbitrio a espantosa calamidade que tem occorrido entre nossos patricios, no curto periodo de 10 mezes, ou seja resulta lo de um ou de outra destas causas fataes, ou de ambas.

Homens, mulheres e rapazes, tem soffrido igualmente maior miseria e oppressão nos diferentes misteres em que tem sido obrigados a trabalhar alem de suas forças, pelo castigo do azonague, e sem abrigo proprio de noite, ou sustento adequado durante o dia.

O conforto de sua religião tem-lhes sido negado tanto na occasião do sofferimento, como a hora da morte. Os corpos das miseraveis victimas da avarozia tem sido lançados em valas sem enterro christão.

Os brados dos orfãos e viúvas tem-se feito ouvir, porem reposta alguma da caridade christã, tem mitigado seus sofferimentos. O braço da justiça não os tem aliviado da alçada do oppressor.

Poucos são os que tem escapado, para contar a história do infortunio.

V. Ex.^a tem sido por muitas vezes informado d'estas verdades, porem nossos sofferimentos não foram ainda julgados dignos de attenção. Esperamos & & que acceda com piedade aos rogos dos humildes supplicantes que são: Que V. Ex.^a se sirva reunir os poucos Portuguezes agricultores que ainda existem nesta colonia; que se sirva aliviar-los com humanidade de suas urgentes necessidades particularmente as dos infelizes orfãos, e determine que sejam transportados para a sua patria. Assignados: R. C. que perdeu seu marido e 3 filhos em 10 mezes. F. P. C. que perdeu seu

Pelos annos de 1500 tinha 16:000 habitantes pouco mais ou menos

Em 1580 continha 4:938 fogos com 21:900 h.

1614	5:936	28:345
1679	8:602	40:000
1750	13:154	59:143
1794	17:243	83:115
1813	19:122	92:382
1818	22:191	96:297
1819	22:336	96:752
1840	23:215	104:000

Os habitantes da Madeira, são sobrios, laboriosos, robustos, sadios e soffredores dos mais rudes trabalhos. Todavia não é isso para admirar, se considerar-mos que a raça se tem conservado purissima, sem mistura de sangue estrangeiro, sendo descendente de homens valentes e laboriosos, quaes são os Portuguezes dos seculos 15.^o e 16.^o, conservando-se ainda muitos dos seus costumes entre os habitantes dos campos, onde a effeminação e luxo moderno não tem tido introdução, onde as artes e os accessorios que procurão a commodidade da vida, são totalmente ignorados. Bem longe disso, o infeliz *Villão*, limita a sua subsistencia em muito pouco alem do que lhe produz o terreno que a agricultura. Hum pedaço de bacalhau salgado,

marido e 1 filho em 10 mezes. M. C. que perdeu 2 filhos em 10 mezes. M. P. que perdeu 4 filhos em 10 mezes. J. B. M. que perdeu sua mulher e 4 filhos em 10 mezes. A. E. D. que perdeu 2 filhos. A. P. mãe de 7. quasi moribundos.

outro de toucinho, e um arenque do Norte, ja lhe são objectos de luxo e rago em casa, mas a carne de porco ou de vacca, apenas lhe sandão os indigentes lares meia duzia de vezes no anno.

Muitos ha, que do tendeiro ou mercieiro, em toda a roda do anno, apenas gastão o sal e pão de rolão, contentando-se uma vez por dia, de uma chanfana de couve, abobra, e batata sem tempero, ou de um pouco de inhame na estação. Este é o principal alimento do camponez, e é para admirar como com tão tenue e diminuto passadio, supportão um dia inteiro os mais penosos trabalhos; porem o seu physico resente-se d'esta penuria, e ambos os sexos, nas classes laboriosas, dos 20 a 25 annos, alterão sensivelmente as physionomias, e trazem impresso no semblante o chavão da tristeza e dos cuidados, provenientes não só dos trabalhos e fadigas a que se sujeição desde a primavera dos annos, mas tambem das difficuldades da subsistencia em tão dispendiosa terra. Porem se nos campos se encontra esta indigente frugalidade, na cidade do Funchal, muda o quadro completamente de face. Aqui reina um luxo asiatico, nas modas Inglez, e na intemperança totalmente indigena. Se os Funchalenses imitão os Inglezes no luxo de suas casas e nas demais modas dispendiosas em seu essencial deitimento, e só em proveito dos que lhas fornecem, não hêrdarão d'elles a frugalidade e

simplicidade da sua meza, e só os imitam na abundancia da bebida. Comidas fortes em quantidade, diariamente, e hum uso nimiammente copioso de vinhos fortes e velhos, no decurso d'annos, hão-de necessariamente produzir affecções no physico do homem, e abreviar-lhe os dias. Porisso, nada mais ordinario do que encontrar pessoas de 30 ou 40 annos com o semblante enrugado, abatido encanecido, e muy poucos exemplos ha de longevidade nos que se entregão aos prazeres da gula, aqui mais que em parte alguma, devido á qualidade forte e nutritiva das suas produções, de maneira, que nos campos se envelhece e morre mais depressa pela extrema frugalidade, e na cidade pela abundancia immoderada.

Os trajes dos camponêzes, são muito diversos de outro qualquer paiz, e os estrangeiros principalmente, notão-lhe um gosto bizarro e extravagante. Consiste pois, em um par de ceroulas largas, franzidas, muy curtas, que só chegam do embigo acima do joelho, muito semelhante aos calções turcos; chamão-lhe cuecas, e em geral são de sara-pilheira da parte do Norte, e de pano de linho na do Sul; botas de canhão, amarellas, com um bico arrebitado, como o das sandalhas chinezas; uma camisa de pano de linho, um gibão de còr e um fustil de pano azul, com um bico muito comprido, com duas orelhas, o qual unicamente tapa a coroa

da cabeça. O traje das mulheres também não deixa de ser curioso e simples. Começa por quasi nunca usarem de calçado senão nas igrejas ou em occasiões de festejos; um saio-te que pouco lhe desce dos joelhos, de uma fazenda de lã fabricada no paiz a que chamão *marafuje*, tingida com casca de amoreira; um colete de cor mui pequeno, por fóra da camisa, uma capinha encarnada, e igual funil ao que usão os homens, ainda mais diminuto, o qual para se sustentar na cabeça é necessario ser prezo com alfinete ao cabello. Chamão-lhe *carapuça*.

As suas habitações, são meras choupanas, cobertas de restolho, onde em geral dorme pai, mãe, filhos, gatos e cães. Com tudo muitos colonos ha, principalmente nas freguesia vizinhas á cidade, que tem commodas e decentes habitações. Sendo a grande maioria do terreno da Madéira pertencente a bens vinculados, e não costumando seus proprietarios agricultura, em razão do dispendioso amanho necessario, é este entregue a colonos chamados *cazeiros*, que partilhão metade do producto com seus senhores. Em geral estas herdades contem a casa da moçadinha, separada, um palheiro para gado vacum ou lanigero, alem de um porco, que caza nenhum deixa de crear para matar pelo Natal. Quasi que a mantonça destes animaes se torna neste paiz absolutamente necessa-

ria, a qual é facil a cada cazal, pois alem do interesse que d'elles tirão, consomem as hervas e arbustos inuteis e prejudiciaes das terras, as quaes certamente sem os estercos que elles produzem, brevemente ficarião sterileis e incultas, nutrindo-se igualmente do talo do inhame e dos restos inuteis da cozinha.

O camponez da Madeira, é muito docil, jovial, fiel, mas nimiamente malicioso e supersticioso, e estrictamente afferrado á crença religiosa de seus pais. A parte da civilisação que diz respeito á pervaricação dos costumes ou abuso do *livre pensar* nenhum progresso tem feito entre a sua classe. São muito dados a festas d'Igrejas e romarias. Em geral são corpulentos, dotados de excessiva força muscular, aturadores e pacientes nos mais arduos trabalhos. Assim os vemos nós transportar aos hombros ou á cabeça, cargas de mais de 7 arrobas, por cima de penhascos e rochedos onde parece que só podião tranzitar quadrupedes ligeiros. É notavel tambem a sua agili- dade e rapidez, na carreira; e nada mais commum do que ver homens acompanhar a correr um dia inteiro a um cavallo, por ladeiras e barrancos, sem cansarem nem por um momento se apartarem da cavalgada. Geralmente os habitantes do Norte são de corporais olares e de melhor compleição que os do Sul. Na totalidade da população femenina, pode-se calcular 10 em 100 as mulheres que merecem ser classificadas, nem feias nem lindas,

porque uma belleza perfeita, é dos phenomenos mais raros que esta ilha tenha produzido; pelo contrario nos homens, se podem citar exemplos, mais frequentes e dignos de menção.

A riqueza e importancia em que avulta a cidade do Funchal, inculca um grau de civilização e de progresso mui-sensivel, quando se considere que é a capital de uma colonia muito decaida do estado florescente a que chegou, e pertencente a uma nação que só della se tem aproveitado, para fazer um pasto para os afilhados dos validos da corte; mas esta prosperidade circunscreve-se nos seus muros, e o resto do paiz apresenta uma face mui-differente, como atraz vimos. O alto valor a que chegarão os vinhos d'esta ilha durante a guerra continental, leváráo-na a um grau de riqueza não commum. O porto do Funchal, então estava de continuo coalhado por navios de comboi e esquadras que dos mares do Norte passavão para as Indias, e esta cidade era o *entrepôt*, ou deposito e exclusivo lugar que recebia as riquezas de todo o paiz e as exportava, nadando na abundancia dos objectos de retorno. Com tudo a paz geral, que outorgou o descanso e a concordia aos povos da Europa, veio offuscar o brilhantismo da riqueza e da abundancia do Funchal e de toda a ilha, triste mas desgraçada verdade! Abertos os portos da França, da Italia, Hespanha e Portugal, poderão estes exportar os

seus vinhos para o resto do mundo, e desde então data a estagnação e decadência desta única e preciosa riqueza da Madeira.

A sua industria reduz-se a uma esfera limitada, e pode se mesmo dizer, bem pouco avulta além de um estado d'infancia nos objectos fabris; mas aquillo que as necessidades locais exigem, e as produções do paiz requerem para seu inteiro desenvolvimento e extracção, isto é, para as avantajá-las, achamos estar brilhando na Madeira em grau superior ao de qualquer paiz da Europa. Assim vemos nós esta ilha, semeada de varedas e talhos feitos pela arte, em sitios onde parece que só o milharre ou a agulha erão capazes de chegar, nas diversas calhetas, e escabrosos penhascos de que por toda a parte abunda; assim como de uma infinidade de calhas ou canos de madeira suspensos sobre profundos precipícios, para conduzir e aproveitar as suas agoas, com notavel ainda que tosca habilidade. Assim vemos nós que para a comodidade do transporte dos vinhos e outros objectos na cidade do Funchal, usão os habitantes em vez de carros, de um movel, desconhecido a outro qualquer paiz. Sendo impraticavel a carreage em roda da ilha, dentro da cidade ainda é mais inutil; pois devendo ser quasi todo o seu serviço trazer da praça que é cheia de ralhans e seixos miúdos e grossos, e levár para allí os volumes de embarque dos navios e barcos da

costa, não podem as rodas dos carros ter o minimo uso pois se atolariam até o eixo entre as pedras roliças, por lhe faltar pavimento solido sobre que rolassem.

Nesta posição de local, nada se podia inventar mais simples, util e commodo, do que as chamadas *corsas*, as quaes Cook, sem reflexão, chamou miseraveis arrastadoiros, pois sendo construidas de um forte chaprão de til de 8 a 10 palmos de comprimento e 2 e meio de largo, com bardos de uma polegada de altura nos lados, é puxada da carga por uma alavanca de 20 a 25 graus de inclinação, de maneira que o seu primeiro ponto de apoio, é sempre suspenso, e vai fugindo aos objectos oppostos, ao mesmo passo que nella, em um minuto se poem uma caixa de assucar, ou uma pipa cheia, ou iguaes pesos, os quaes se lanção d'ella em 20 segundos; e gastão no caminho, menos de metade do tempo em que anda um carro, pois se lhe vai sempre lançando por baixo um pano molhado.

Este simples mas mui solido vehiculo de carga, ainda que sem rodas, e puxado por 2 bois, serve de tão facil transporte ao quasi unico artigo de commercio desta cidade, como nos campos os odres ou burraxos, onde o lavrador facilmente transporta o producto da sua colheita, por entre atalhos sarabulhentos. Ambos os objectos de condução, são pois filhos das necessidades locais,

não admittindo tambem as ruas da cidade o uso de carros pela sua estreiteza, occasi-
nada pelos regos de agoa, que em todas ha-
via; só desde 1836 é que a camara munici-
pal do Funchal, começou a cobrir estes re-
gatos, deixando-lhe d'espaco a espaco as com-
petentes adufas para o necessario tratamen-
to e manejo dos vinhos, ficando as ruas bem
nivelladas. Igualmente, não consta que em
paiz algum do mundo se trabalhe em casca-
dura ou vasilhame para a exportação do vi-
nho, com uma solidez e perfeição como na
Madeira. Outro tanto podemos dizer, do
modo com que tratão os vinhos nas Estufas
de fogo, ao sol ou no canteiro, pois nem no
Fayal, nas Canarias ou na Hespanha, se tem
ainda atinado com o verdadeiro methodo de
obter igual resultado, isto é, no processo da
Estufa, o que me persuado seja devido tambem
á qualidade do liquido. Não deve tambem ficar
no esquecimento, a extrema perfeição com
que nesta ilha fazem toda a qualidade de do-
ce, principalmente a casquinha, ou cidra,
digna de apresentar-se nas mezas Reaes.
Della diz Garrett:

A casquinha gulosa e delicada a dar
Da selvosa Madeira, arte e renome,
Luxo de lutas mezas &c. &c.

C. 8.ª St. 3.ª Poem. Cam.

Os demais objectos de manufactura que se encontram, são alguns tecidos de linho, grosseiros, outro tecido de lã de que atraz fallei, e movei com toda a perfeição, de madeira indigena da mesma ilha, chamada viuhafigo.

A posição geographica da Madeira, assaz proxima da zona torrida, e a grande altura das suas montanhas, a torção susceptivel de climatizar todos os vegetaes do universo. Assim as plantas que o Equador aquece, e as que o frio glacial dos Polos acanha, aqui vivem, fructificação e se aperfeiçoão.

Com tudo, nas partes da ilha que gozão de temperatura benigna, depois das vinhas, as fructas de leite são as que melhor prosperão; assim vemos nós, os figos brancos, assim como os pretos a que chamão be-bras, produzem de um extraordinario tamanho, principalmente nos sitios batidos pela marezia salitrosa do mar. Nesta mesma temperatura, se dão igualmente bem os peregueiros, amoreiras, marmeleiros, limoeiros, cidreiros, e pereiras. Podem terras mais frias e humidas, e sitios mais altos, as nogueiras, cerejeiras, gingeiras, ameixieiras, pereiros e nespreiras. As larangeiras e limoeiros, posto que tambem se produção nos primeiros solos, sendo humidos e abrigados, com tudo se dão melhor nos segundos, principalmente nos fundos das ribeiras e suas

sinuosidades. Os fructos d'estas duas arvores, trazidas de Portugal, degenerarão em sentido inverso; a laranja que no Reino passa por a melhor da Europa, nesta ilha raramente é soffivel e doce, e o limão que em Portugal é pequeno e pouco acido, na Madeira é volumoso, succulento e de um aroma e gosto delicados. As nogueiras, chegarão a ser geraes na ilha, mas hoje são raras, pelo grande uso que houve da sua excellente madeira para moveis. Outro tanto aconteceu aos cedros; quazi todas as capellas e trastes antigos que ali se fazião, era com este precioso pau, de maneira que hoje é mui raro. No reinado de D. João 3.^o pelos annos de 1531, consta que só para Lisboa viera o valor de mais do 20 mil cruzados de madeira de cedro, para construção de trastes.

Em torno de toda a ilha acima das vinhas, e abaixo do arvoredo silvestre, se dão excellentemente os castanheiros, e quazi toda esta extensa região, ou está baldia, ou tomada com inúteis giestas, tendo apenas em alguns sitios poucos inhames e batatas.

É esta a mais benefica arvore da Madeira, pois fornece para o alimento do homem a castanha, que ainda deixa rebaços para a nutrição dos porcos. Com a sua folhagem, se engordão os gados e estrumão as terras; das suas ramas, se tirão lenhas para o uso domestico, e estacas e garranchos para a vinha; as suas duradouras madeiras tra-

voção as casas, fornecem a maior parte dos trastes nas habitações pobres, e servem nas construcções maritimas; as suas fortes raizes prendem as terras; na sua coma embação as nuvens, e se condensão as agoas bemfeitoras; a sua sombra grata, deixa crescer ervagens, e plantas, sem o menor cultivo, que apascentão ricas manadas. Deve pois a propagação d'esta arvore, merecer toda a attenção das camaras, obstando a que alguns proprietarios atrazados as fação cortar antes de seu perfeito crescimento, ou obrigando-os a substituir-lhes logo outras, vedando igualmente que as toque o dente de animaes damninhos; enquanto forem de terra condigão. Igualmente nos montes aridos e infructiferos se devem semear pinheiros, e estabelecer a sua importante cultura, que é da maior utilidade neste paiz, pois prosperão ricamente nos terrenos não susceptiveis d'outra vegetação; as suas raizes sustentão as terras declives, e alem de não requererem a minima cultura, no decurso de poucos annos fornecem boas madeiras e lenhas. Em toda a ilha se mostrão ainda restos da larga cultura que houve ja d'elles.

Creados os pinhaes, e multiplicados os soutos de castanheiros, cessará a razão plausivel da falta de lenhas para serem atacados estes arvoredos, mui principalmente com a factura do carvão, que lhe faz o mais cruel

destrução, pois os barbaros carvoeiros cortão e queimão desapietadamente, as arvores mais robustas e uteis e quazi todos os annos deixão atear fogos, que por dias e mezes consomem ás vezes legoas de mato.

O café que a Madeira produz é igual ao melhor de Moka, mas a sua cultura que já chegou a ser proveitosa, hoje se acha muito diminuída. O mesmo acontece ao sumagre e pastel, de que nossos antigos chegarão a exportar em quantidade. Os paizes do Norte fazem quazi exclusivamente o commercio d'este artigo, e foi elle tanto, que pelos annos de 1590 se fazião transacções numerosas sobre 1:400, 1:500, e outras iguaes quantidades de quintaes d'ello. A cultura da seda chegou igualmente a ser lucrosa e abundante, principalmente nas terras pertencentes aos Jesuitas, mas hoje apenas existem alguns mi-theiros de bixos nas mãos de curiosos. Igual decadencia soffreu a interessantissima cultura do assucar, pois hoje apenas avultará em alguns centenares d'árrobas. Consta que o primeiro engenho d'este genero fora construido por um Diogo Vaz de Teive, em 1452, em que fez um contracto com o Infante D. Henrique, e foi tal o augmento da sua cultura, que pelos annos de 1500 existião mais de 120 Engenhos, e chegou a render o quinto do assucar 30:000 arróbas pelo qual deduzimos a enorme totalidade de 150:000 arróbas!

Pelos primeiros 50 annos do descobrimento da Madeira, produzia ella tanto trigo, que exportava annualmente para cima de 1:000 moios só para o tráo de Guiné; porém sendo convertida a agricultura para as canas de assucar começou a receber os cereaes dos Açores e do Mediterraneo. Com tudo ainda hoje pode produzir annualmente uns 3:600 moios de trigo e 1:000 entre centeio e cevada, o que apenas chegará para 4 mezes de sustento dos habitantes, visto ser tãõ povoada. Em compensação tem-se generalisado a cultura da batata, a qual produz em abundancia, e de uma qualidade que nada tem que deesiar á melhor da Irlanda. A batata doce, tambem é de grande recurso para o lavrador, mas o seu principal artigo de sustento particularmente no inverno, é o inhame, benefica planta muito substancial, que com pouco cultivo, prospera, produzindo ao mesmo tempo, o talo, para a nutrição dos porcos.

Além da cultura dos cereaes, legumes, e praxones fructíferas, proprias para o sustento dos primeiros habitantes d'esta ilha, a do pastel é sumagre, plantas indigenas como ja disse, formão com as madeiras, com o assucar com o vinho e a urzella das ilhas de sertas um commercio lucroso e extenso. Por elle os navios de diversas Nações da Europa, demandão o porto do Funchal, de Machico e de Santa Cruz, trazendo em troco,

seus generos e manufacturas, e com ellas a planta da malvazia da ilha de Chypre, e da Calabria as canas do assucar, e outras muitas plantas usuaes, alem das de Portugal, o que muito se augmentou e variou depois das descobertas da costa meridional d'Africa, da India e da America, pois quo a benigna e variada temperatura da Madeira, aclimatiza e aperfeicoa todos os fructos que a Natureza prodigalisou desde a Groenlandia inhospita até as torradas regiões do Equador. Assim vemos nós produzir viciosa a banana, a goiava e o ananaz junctos ao morangueiro, ao pereiro, a maceira, e a outras arvores indigenas do Norte. Não deve igualmente ficar sem menção a proficua cultivação das cebolas, de uma excellente e grandiosa qualidade, das quaes se exporta annualmente bom numero para as Oest Indias e Brazil.

Uma justa proporção tem havido no progresso e decadencia dos diversos generos d'agricultura nesta ilha. Atraz deixou dito como foi ella abundante na canna, no sumagre e no café, mas esta cultura se acha hoje muito decaída, e tal se deve attribuir não á negligencia dos colonos, mas sim á sua ignorancia. Seja devido á natureza do terreno, já cansado, ao senectim, á falta d'agoas que ja soffre, ou a qualquer outro vultoso motivo, estas 3 plantas brotão fortes e viciosas durante os primeiros annos, mas em pouco definhão sensivelmente. O café carece de amiu-

dadas regaduras, unico methodo que o preserva da alforra; a canna não sendo transplantada não fim de meia duzia d'annos, e o seu terreno bem engordado, é atacada e roída pelo bicho. Sendo este conhecimento filho da experiencia, deve-o seguir quem quizer obviar a tal prejuizo.

Todavia se a Natureza tem cessado em fazer prosperar esta lucrosa cultura, em outra não menos util prodigaliza equivalentes dons. Os Inhames são o maná do camponez; a batata a que chamão *Semilha*, vai se cultivando com prodigiosa rapidez, principalmente na parte do Norte, e nos terrenos não susceptiveis de vinhas, e tal é a sua abundancia e boa qualidade, que annualmente se exporta ja avultada quantidade.

Tenho recapitulado quaes sejam as principaes producções naturaes d'esta ilha, sem contudo fallar das vinhas, o que farei em outro lugar, quando tratar do movimento dos vinhos. Se estas producções indigenas ou estrangeiras, tem-se bem aclimatizado ou aperfeiçoado na Madeira, não aconteceu assim ás producções animaes nella transportadas; em geral todas degenerarão no tamanho. A raça cavallar, apesar de mui robusta, é de uma extrema pequenez; os machos e burros igualmente diminuirão no tamanho aos que forão introduzidos do Reino; porem o gado lanigero conservando-se igual ao de Portugal, em dimensões, na bondade

da carne lhe é inferior. O boi ainda que degenerado em corpo, é mui forte de nervos, e utilissimo para os transportes na cidade, onde, carreão as corças. A vaca tambem sendo necessaria para as debulhas e o arado, para estrumar as terras e transportar madeiras e feiteiras das serras, é de absoluta necessidade para o alimento do homem, e a sua carne é excellente; a que produz a Calheta o seu termo é tida pela superior, e não deixa nada que desejar á melhor vitella de Portugal.

Este genero de gado, prospera com facilidade, e tal é a sua abundancia, que meia duzia d'annos ha, a vaca se vendia no Funchal a 40 rs. e o carneiro a 30 rs. o arratel, isto depois de ter pago direitos municipaes; com o abatimento de 20 por cento de moeda fraca, teremos pois que a primeira custava pouco mais de 30 rs. de Lisboa, isto é quasi pela 3.^a parte do que custa nesta cidade. Porem como nestes ultimos annos se tenha exportado muito gado vacuum, para fornecimento de embarcações, e outro tenha ido para as oest-Indias atim de trabalhar com corças ao modo d'esta ilha, juntamente com emigrados colonos, tem escaceado esta abundancia de carnes, assim como a tem tambem encarecido as pezadas posturas municipaes de 1836.

O resto dos animaes, que ainda se achão, são os mesmos e em toda semelhantes aos do

Reino, notando-se porém que nenhum feroz ou venenoso jamais nella se achou, e é mera falsidade o que se encontra em algumas geographias francezas, quando dizem que nesta ilha ha ou havião muitos porcos espinhos. O unico reptil venenoso, e que habita nos bardos de silvado e tabaibeiras, é a tarantula; mas não me consta que ainda alguém tenha sido d'ellas mortalmente mordido.



CAPITULO III.

Curiosidades naturaes e artificiaes.

Primeira repartição das terras em

Sesmarias. Propagação da cultura.

Creação das villas, e seu desenvolvimento em riqueza, popu-

lação e decadencia. Descripção da

cidade do Funchal.

Quando a folhas 3 lancei um ligeiro golpe de vista sobre o aspecto geral d'este paiz, notei a escabrosidade das suas costas; o alcantilado da sua serrania; e os ameadados precipícios e abismos, que a Natureza se aprouve em lhe multiplicar, e cuja horrenda e magestosa catadura, só pode ser apreciada pelo examinador acostumado a uma região plana, ou pelo amator da primêva Natureza, grandiosa em magestade, como sahio das mãos do Eterno. Com effeito sendo esta ilha quazi toda limitada por altissimos penhascos, quasi tallados a pique sobranceiros ao mar, ás vezes entre elles e estrela-

mento se achão pequenos espaços planos, residuos das quebradas que no decurso do tempo tem desabado, aonde com difficuldade podem abordar os barcos em tempo sereno, e raramente com travessia, os quaes são um pouco mais benignos nas confluências das ribeiras que d'esses mesmos rochedos sahem por voragens profundas.

Se estes espaços são mais dilatados e susceptíveis de cultura, chamão-se *fajãs*, e ás vezes encerrão povoação numerosa, taes como a do *Porto do Moniz*, da *Ponta Delgada*, do *Seixal*, do *Paul*, dos *Padres* &c. &c. &c. Os rochedos que lhe ficão eminentes, ou em alguns lugares á costa bravia, em muitas partes tem milhares de pés de altura perpendicular, taes como o cabo *Girão* e outros no *Campanario*, a *Ponta do Pargo*, a de *Tristão* o *Passo d'areia*, a *Entroza*, a *Penha d'Agua* &c. &c.

As ribeiras em geral, correm por fragas de uma espantosa profundura, em leitos de 100 e mais passos, e entre paredes naturaes altissimas, que para o centro da ilha são de milhares de pés d'altura, algumas a prumo; em que pela maior parte os angulos salientes e reintrantes, e os bancos de rochas e terras que apparecem de uma e outra parte se correspondem, mostrando assim que no cliqué que soffreu a ilha, por se abaterem as suas abas, também se fendeo ou rachou o centro em diversos sitios, de cujos abismos

se apoderarão as agoas para sua natural corrente; pois é impossivel que ellas com tão pouco volume ou cabedal, podessem mesmo em uma eternidade de seculos cavar tão largos e profundos hiatos, só pela fricção da sua propria correnteza contra taes massas de rochedos.

Em vão o amador dos verdejantes prados ou terrenos planos, onde a vista se perde em um dilatado horisonte sem interrupção de elevações, procurará neste paiz saciar seu appetite. Fructuoso, Cordeiro e outros antigos escriptores nossos, não sem algum tanto de verosimilhança, fallão, quando tratão da fabulosa opinião de que, ja os diversos archipelagos do Oceano Atlantico formarão parte da terra firme, da nossa Peninsula Iberica. A analogia que apresentam os escabrosos rochedos pyrogeneos d'esta ilha com os da Serra da Estrella; a direcção que a sua cordilheira segue até vir findar nos montes de Cintra, e a linha recta que parece seguir e continuar-se na mesma serra da Madeira, perfeitamente a Oeste, sudoeste desde a sua origem na Beira, assim como a semelhança do terreno que em ambos os paizes a rodeião, tudo concorre para fantasiar-mos essa conjectura, mas tratemos só de descrever o magestoso espectáculo da Natureza nesta ilha, e não investiguemos os seus arcanos.

Os arredores do Funchal pouco offerecem de curioso neste quadro; todavia o roman-

tiep sitio de N. Sr.^a do Monte, a pouco mais de meia légua para o Norte, apresenta uma notável excellencia da Natureza e da Arte. As bellas quintas, o copado arvoredo, as crystalinas agoas, e os magestosos pontos de vista em que abunda, muito assemelhaõ este lugar a Cintra.

A quasi uma légua da cidade em uma planície no alto de uma montanha está situada a Robre e bellissima quinta do *Palheiro do Ferreiro*, pertencente ao morgado João da Camara de Carvalho. Esta primorosa vivenda, inteiramente no gosto Inglez, nada deixa que desejar no acceio e commodidade da casa, no bem delineado e symetria dos passeios e jardins e no copado e bastissimo arvoredo em que abunda. O seu tacturno e sombrio silencio, e a sua vasta extensão, a qual alem de uma linda e pitoresca casa campestre encerra lagoas, tanques, montado de veados, ferregraes &c. e uma extrema abundancia de crystalinas agoas, a têm tornado famigerada até em Inglaterra, e é constantemente vizitada por todos os estrangeiros. Uma légua alem se encontra o lugarejo denominado *Camacha*, tambem assaz agradável, e a 2 léguas para Leste, está o conhecido lugar denominado *Santo Antonio da Serra*, grande planície mui bem arborizada a qual merece igualmente ser mencionada pela sua aprazivel tacturnidade, dilatados passeios e abundancia de caça para os curiosos. A-

qui ha para commodo dos que o visitão; um hospício onde gratuitamente se podem alojar. Nas suas faldas ha pontos de optica admiraveis, entre os quaes se distinguem, o que domina a freguezia de Machico, e sua fragosa ribeira, e o que está sobranceiro ao Porto da Cruz chamado a *Portella*, de uma assombrosa belleza. Neste Porto da Cruz junto ao mar, existe um alcantilado e escabroso monte; cujas abas são talhadas a prumo, semelhantes ás da Peninha em Cintra; a sua superficie chegará a uma milha, e visto de longe parece uma ilha; pela sua configuração alta e despenhada, por isso se chama *Penha da agulha*.

No cume da montanha onde está situado o dito St.^o Antonio da Serra, existe uma lagoa assaz espacosa; a qual se julga ser a cratera de um volcão, já em muito século extincto; o que o Sr. Mosinho d'Albuquerque provou com experiencias mineralogicas.

O *Pico do Ruivó*, situado na freguezia Norte de Santa Anna, é o cume mais elevado da serra que atravessa a Madeira de Nascente a Poente. O Inglez Bowditch, nas suas *Excursões*, por uma determinação trigonometrica, calculou a sua altura do nivel do mar em 6:303 pés; porem o tenente Ch. Wilkes, da Armada americana, em 1838 por observações barometricas a achou de 6:781 pés acima do jardim do consul, da sua nação no Funchal; o qual estando 26 pés superior a

media-maré, dará uma totalidade de 6.237 pés acima do mar. Este monte, como já dissemos, facilmente em tempo sereno é enxergado a 25 legoas no mar. Nas fragosidades e ramificações desta mesma cordilheira, se fazem notáveis as alturas do *Poizo*, do *Arreben-tão* e a dos *Picos*, visinha á cidade, com perto de 5.600 pés de elevação, gozando todas de golpes de vista de um dilatado horizonte, mergulhando de espaço a espaço, em incomensuráveis abismos e barrancos.

A pouca mais de duas legoas a Noroeste do Puncchal, tem o antigo Consul Inglez Mr. Veitch uma linda quinta em um pitoresco e aprazível sítio chamado o *Jardim da Serra*, a qual merece ser visitada pelos estrangeiros, por causa da originalidade do lugar e do edificio, e dos seus curiosos accessorios. A pouca distancia para o sudoeste na freguezia do Campanario, se acha uma semelhante habitação entre um frondoso arvoredo de castanheiros, denominada *Quinta da Achada*, solar do rico proprietario d'esta ilha João da Camara de Carvalho. E' notavel um antiquissimo castanheiro que ali se acha, talvez coevo com o descobrimento da ilha e naturalmente o que chamou á sua benefica sombra, os primeiros habitantes para cultivarem este elevado terreno. O seu tronco é inteiramente oco, e pôde conter uma meza com meia dúzia de cadeiras. Nas encostas Norte deste sítio, no fundo de uns altos des-

penhadeiros e barrancos, se acha o pobre e medonho curato denominado *Curral das Freiras*, formando um pequeno val, mas tão profundo que só em poucos sitios dardejão sol. Nos seus altos goza-se de vistas pitorescas. A duas legoas e meia para o poente, está a única planície um pouco extensa, encerrada no cume de montanhas, chamada *Pau da Serra*, e terá perto de 3 legoas de comprimento e 2 de largo; toda inhabitada; e só produzindo sem cultura, arbustos e arvores agrestes. O Inglez Bowdich calculou a sua altura do nivel do mar em 6:159 pés.

No interior d'esta ilha, para a parte do Poente no sitio denominado *Rabuçal*, consideravelmente elevado, anda-se trabalhando em uma grande obra, que não somente a Portugal, mas a qualquer nação de maiores posses e população faria honra.

Onde fecho um pequeno val, que mais parece abysmo, levanta-se em semi circulo de 600 pés de diametro, uma rocha perfeitamente vertical na altura de 1000 pés que poderemos comparar em forma á metade de um poço cortado por uma secção perpendicular. Dimana d'esta rocha abundancia de crystallina agoa, não em torrente, mas em lençol que se descahe por entre musgo e arvores, de que a rocha é forrada, offerecendo uma das mais encantadoras e magestosas vistas, que a Natureza possa apresentar.

Esta agoa até agora inutil no fundo do

abismo, abria-se-lia da maior utilidade, na altura de 200 pés acima do fundo. Resolveu-se com effeito, encana-la, e para esse fim, praticou-se na rocha uma cortadura, em partes de 20 a 30 palmos para dentro, formando um arco, o que faz com que a água encostada sempre á parede, se vá metter em uma levada que d'ahi, a mais de 2 legoas, va e passar por uma galleria subterranea do comprimento de 1000 pés, talhada átravez de um elevado monte.

Como seja tão coessivel a rocha, onde primeiro se traçou tão atrevida obra, foi preciso para se lhe dar começo, que do alto descesse um homem por meio de uma corda, já mencionada a altura de 200 pés, e assim seguisse em varias partes brocasse a rocha, carregasse as minas e lhe largasse fogo. Para conseguir sem perigo esta ultima operação, era necessario que quando o homem tivesse 3 brocas carregadas, e lhes chegasse o fogo á guisa desse immediatamente um balanço pendurado em sua corda, de 200 pés; e se fosse segurar d'ahi a boa distancia em algum sarno até se effectuara explosão, acabada a qual largava o póuse, e de novo tornava a seu trabalho.

Esta parte da levada, praticada na rocha vertical pelos homens assim pendurados, tem 600 pés de extensão e d'ahi por diante, exceptuando alguns lugares medonhos de passar, segue por um bello caminho, feito nas

fallas de continuadas montanhas, e passaffo pela galeria subterranea para o lado do Sul da Ilha, onde tudo é secco, irá regar 5 bellas freguezias, que até agora tem estado na maior parte incultas por falta d'agua.

Tão bem aproveitadas são as nascentes da mencionada rocha vertical, que para hui-xo da levada a qual fica 300 pés acima do fundo do abysmo, não se verá correr uma só gota d'agoa, quando d'ahi para cima, que são 700 pés, é tudo uma cascata,

D'esta portentosa obra, não se póde dar nem approximada descripção, e só vendo-se, é que se póde admirar sua grandeza. A agoa vendida aos lavradores, dará ao governo, por conta de quem é feita a obra, o rendimento de mais de 2.000.000 rs annuaes, e além d'isso os dizimos do producto do immenso districto que vai fertilisar, em poucos annos pagará toda a despeza.

A pouca distancia d'este magestoso quadro, sobranceiro á *Ribeira da janella*, se encontra o não menos grandioso espectáculo da Natureza no sitio denominado *Quebrada dos Ferreiros*. No seculo passado, parte da planície denominada *chão da quebrada*, desabou com estrondoso ruido para a parte da Ribeira na altura de 4.600 pés, entullando um grande vacuo ao qual estava perpendicular. No decurso do tempo a Natureza tem completamente arborisado este declive, e ho-

je apresenta a mais pitoresca das vistas, accrescendo que, no fundo desta viçosa ladeira, sitio pouco frequentado e quasi inacessivel, por onde corre a caudalosa ribeira da *Janella*, existem ainda vinhatigos, tis e outras arvores anteriores e primitivas com o descobrimento da ilha, mas cujo transporte em partes é impraticavel, e n'outras difficultissimo.

Na costa do Sul onde hoje chamão *Lugar de baixo*, igualmente meio seculo haverá que sobre o mar desabou uma formidavel quebrada, abismando uma povoação. Julga-se ter sido occasionada por abalo subterraneo, e consta que no momento d'este conflicto dois navios que se achavão a 4 ou 5 legoas ao mar, sentirão uma tremenda commoção.

Muitos outros sitios poderia eu aqui enumerar, dignos de serem visitados pelo viajante curioso, nos quaes se descobre ora um dilatado horisonte, ora alcantilados penhascos por vezes esburgados ou verdejantes de uma animada vegetação, ora outros cujo ponto de vista apresenta o quadro da mais horrorosa belleza, porem o limitado esboço que encetei, não permite estender me mais neste ramo, para investigar o modo como foi primitivamente dividida e cultivada esta Ilha.

Chegado que foi o Donatario João Gonçalves da Camara ao Punchal na segunda volta de Lisboa começou a traçar este lugar

em villa, e dar as terras de sesmaria, como tinha por regimento do Infante D. Henrique Senhor da dita ilha da Madeira, como Gran Mestre da Ordem de Christo, e conforme ao dito regimento, deu as terras que não erão lavradas por 3 annos, dentro dos quaes se obrigavão os colonos aproveita-las e lavra-las sob pena que não o cumprindo neste termo, de lhas tirar e da las a quem as aproveitasse. Como diz Fructuoso, foi assim tudo tanto em crescimento em ambas as jurisdicções, com a boa diligencia de seus capitães, que em breve tempo se povoou e enobreceu a ilha toda, e estando o Infante em Aljezur, mandou ao capitão João Gonçalves, umas lembranças em que lhe recommendava muito a justiça principalmente, e a cultura da terra, e que lhe mandasse amostras dos fructos d'ella, pela fama que corria da sua fertilidade, e lhe ordenava que para se gastar o trigo que se meavão, seria bem pelo preço de 3 reis o alqueiré, para os lavradores terem algum proveito, porque d'antes valia menos e uzava nestas lembranças d'estas palavras antigas " Enviar mieis Senhor, pedaços de paus de toda a ilha, e senhos ramos d'ella, e escrevei-me como han nome, e o fructo tambem como se chama. Enviai-me senhor pedaços de pedra e um sacco de terra, e lembravos o pão pera a novidade, segundo vos falei se o quereis vender a 4 reis, que me apraz de lhos dar por elle. E sede bem lembrado

que se me pague a dizima de toda outra coisa quanto houver, e fação canaviaes nas outras povoações.

E mandei a João Affonso que correja outra mó; e se faça um moinho d'agua segundo o de Thomar, e seja vos em lembramento de mandardes o pastel &c. &c.

Até o anno de 1580 se foi a ilha repartindo pois, em sesmarias, e os sesmeiros geralmente se estabelecão nos lugares que achavão mais accommodados para immediata cultura, e começarão as suas rotações com os seus escravos mouros, e negros, cū com os seus moços, e mesmo cazaes que com sigo levarão do Reino. Todos estes domésticos constituíão uma família, abrigada e alimentada pelos proprietarios, de quem se constituíão *cazeiros* e tratavão aos senhorios por annos, cujos titulos ainda hoje se conservão em uso sem alteração, e o sistema de colonisação ainda hoje é modellado pelo que atraz deixo dito, com a differença dos agricultores partilharem só metade com os senhorios.

Em breve uma mais extensa cultura e difficeis trabalhos, qūes os apastoramentos, o corte, serragem e tráfego das madeiras; as grandes cearas, as dilatadas fajãs, o trafo das hortaliças, o cultivo dos pomares e vinhas, o plantio de vastissimos canaviaes doces, de sumagre, de pastel, não permitirão aos proprietarios o amanho de todas as ter-

ras que tinham *défriche*, ao que mal correspondia roteado, e as manobras em que se tinham envolvido paralisarão.

Por outra parte a rapida e crescida propagação dos escravos e domesticos casados, lhes não permittia terem em commun, familias de tal numero e de tão diversas condições. Foi por este motivo que os mesmos senhorios entrarão a repartir as suas terras já roteadas ou incultas, com os cazeiros ou trabalhadores, fazendo com elles contractos de colonin parciaria, ameias, terços, ou outras clausulas, segundo merecião os locais. Então ficando a maior parte dos senhorios ociosos, por estas transacções, forão abandonando as suas primeiras vivendas, e descerão para os portos e abras que lhe ficavão mais vizinhos ou commodos, e onde principalmente havião engenhos d'assucar, ou estabeleceraõ os seus.

O maior numero, porem, se acomodou nas duas villas, residencia dos Donatarios, onde existião para a vida commodos mais obvios e communicação mais civil.

Aquelles lugares, onde se tinham axistido a cleresia, os proprietarios, os retalhistas, os magistrados, os negociantes, os mecanicos, e os homens do mar, originalmente se tornarão populosos e abastados pela agglomeração d'aquelles concorrentes, que com o luxo de suas familias, fazião prosperar a mão d'obra, os interesses communs, e a prosperidade geral.

Foi d'esta maneira que assaz cresceu a povoação de Machico, mas o Funchal com melhor porto, terras mais macias, e já avultado commercio, se tornou um vasto e luzido povo, de maneira que havendo em 1466 um rebate contra os Hespanhões, antes de chegarem os da terra, só da villa saíram 600 a 700 homens armados, e que segundo supposições estatísticas, dá uma população de 5.000 almas.

Quando estas villas e lugares, se virão com tanto numero de nobreza e povo, pelos annos de 1480, começaram aquellas a pertencer o serem elevadas a cidades, e estes a villas. ElRei D. Manoel, que muito particularmente prezava e favorecia a Madeira a qual enriqueceu de graças e privilegios, com effeito achou conveniente criar primeiro a villa da Ponta do Sol, por carta de 10 de Dezembro de 1501; depois em 1511 fez a villa nova da Calheta, e a de Santa Cruz em 1515.

Em 21 d'agosto de 1508 foi estabelecida a cidade do Funchal, com sua Camara igual á de Lisboa no regimento, e logo nella foi erigido um Bispado por Bulla de 1514 o qual foi elevado ao depois a Arcebispado Primaz do Ultramar e Oriente, por Bulla de 1539, dignidade que teve até 1547.

Pela diminuição das agoas, que se originou da extinção do arvoredor, assim como pela nova plantação dos assucares na Ame-

rica, para onde foi da Madeira, e doenças e vermes que sobrevierão ás canas, a sua cultura na ilha definhou, e com ella se inutilisarão os engenhos, principalmente os das villas e lugares, e se concentrarão no Funchal os restos do commercio, tanto que na época da restauração do Reino, em 1640 estava reduzido só a poucos vinhos, algumas agoas ardentes, baixas, e casquinhas.

Como os vinhos se fazião nos lagares estantes nos domicilios dos lavradores, e quasi todos os quinhões dos senhorios erão levados para os portos immediatos, e d'elles logo transferidos para a cidade, cessarão todas as causas por que as villas e lugares se tinham povoado. Em consequencia d'esta alteração e das que acima apontei, quasi toda a nobreza abastada, foi residir no Funchal, pois lhes erão ja tão inuteis como fastidiosas assim, a vivenda solitaria nas suas herdades, como a estada nessas villas e lugares empobrecidos.

Então os cavalleiros e ricos proprietarios se acostumarão á polidez e acelo que lhes ministravão as suas rendas, o trato com estrangeiros e a sociedade com as authoridades, e assim se habituarão á urbanidade e civilisação que ainda hoje os distingue.

Logo as villas e lugares abandonados d'estas grandes familias, se despovoarão e seus edificios inhabitados, cahirão em ruinas. Numerosas herdades que tanto trabalho e des-

pezas consumirão, para chegarem a um estado florescente; em breve se não cahirão em sensível decadência ficarão reduzidos a mera esterilidade, e as suas moradas em receptáculo de reptis e de gado. A villa da Calheta que chegou a avultar em numerosos edificios e ruas bem povoadas, no decurso de meio seculo apenas apresentou o miserê quadro de uma aldea Barbaresca, com fumos de municipalidade. Até parece que a Natureza contra ella conspirou, pois por um dos seus caprichos singulares, o mar penetrou neste sitio umas 20 braças na terra, e no leito que hoje cobre, se divisão ainda na maré baixa, restos de casaria que já formirão parte da villa. Nas ruínas de Machico, Santa Cruz, Porto do Moniz, Ribeira Brava &c. e em grande numero de casas de campo meio arruinadas que ainda hoje existem se poderá ajuizar, qual chegou a ser a florescente prosperidade d'esta Ilha pelo meado do décimo sexto seculo.

Nesta posição ficarão os termos das villas empobrecidos, e faltos de pessoas ricas, intelligentes e independentes que ou propagassem a agricultura ou conservassem a que restava, ou servissem cargos publicos, quando por outra parte ficou carregando sobre as modicas fortunas, todas as despesas das correições, concelhos, e vexações das diversas varas da justiça. Assim, o pequeno termo de Santa Cruz, que antigamente era equilibrado pela bondade de seu porto, o qual che-

gou a ser de tanto commercio que teve affandega, ficou completamente anniquilado.

A *Ponta do Sol*, teve originariamente de termo para Oeste 7 legoas até á *Ponta de Tristão*, por serem então as 3 freguezias do *Paul*, *Rajaá da Ovelha*, e *Ponta do Pargo* só de hortaliças, searas e pastos pouco povoados, porém para evitar tanto encommoço a seus longiquos moradores, sendo creada a villa da *Calheia*; ficou de tão apoucado termo, que se tornava quasi de necessidade acabar-se com a sua cathegoria.

Pelo contrario, foi preciso erigir em 1750 uma villa no lugar de *S. Vicente*, da parte do Norte; cortando-se a desmarcada jurisdicção de *Machico* que até alli se estendia por 16 legoas em razão que toda a costa do Norte, foi originariamente inhospita, como é, e pôde, porém que veio nestes ultimos tempos por sua cultura e fertilidade, a ser de grande povoação, solida riqueza e abundancia.

O assento da população d'esta ilha, é contrario ao uso dos mais povos civilisados. Estes se apinhão em pontos communs, reunindo-se para se prestarem mutuos soccorros; ou evitarem os insultos dos malfetores e das feras; porém os *Insulanos Madeirenses*, seguros nas intenções singelas e boa fé de seus vizinhos, e conhecendo que a cultura áspera do solo só precisava de presentações e nunca interrompidos trabalhos, se espalharão por toda a sua circunferencia, em uma linha de

uma, a legoa e meia de largura, na qual cada chefe de família mora, circumvallado no terreno que bemfeitoriza. Portanto o Punchal e seus suburbios apenas contará 3200 casas reunidas, ficando a numerosa população do seu termo espalhada promiscuamente.

A maior parte d'esta cidade, está situada em terreno plano, porem os suburbios de edificação moderna, tem successivamente ido coroadando as duas ladeiras que vão dar a Santa Luzia e ao Pico. De Norte a Sul cortão a 3 ribeiras das quaes a do meio tem 4 pontes e as outras, duas cada uma. Na margem esquerda da do meio, chamada do *Torreão*, ha um lindissimo passeio mui bem arborizado, denominado *Passeio das arvores*; ao pé se acha igualmente outro não menos sombrio, conhecido pelo nome de *Passeio do Til*. Antes de 1831, o passeio publico d'esta cidade, gozava de um excellente arvoredo, symetricamente embellezado com cascata, bancos, passeios &c. mas nesta epocha o governador D. Alvaró o mandou derrubar para do terreno fazer uma praça militar assim como ao theatro a este contiguo. Foi uma inaudita crueldade este indisculpavel procedimento, tanto mais que motivo nenhum o exigia. Em 1834 se começou de novo a plantar o passeio e promette em poucos annos rivalisar com o antigo; terá 800 pés de comprido. Quanto ao theatro, pena foi demolir um bello edificio, pois era considerado o 3.º que na Monarchia

Portuguezia havia; mas se attendermos ás consequências das despesas e do luxo que tal estabelecimento havia com sigo accarretar na epóca de penúria e atrazo actual, poder-se-ha desculpar tal vandalismo. Na extremidade d'este existe o edificio do antigo convento dos Franciscanos, hoje quartel e auditorio. Para a parte do Sul está a linda Praça ou Feira de fruta, construida em 1821; Lisboa não possui cousa que se lhe aproxime em commodidade e honreza; assim como ao novo Mercado, construido em 1836 ao pé da rua de St.^a Maria; ao Sul d'este igualmente na mesma epocha se traçou uma nova praça chamada *Academica*, na beira mar, assim como outra em frente do Palacio do Governo; ambas promettem um avultado melhoramento rapido.

Edificios grandiosos não abundão nesta cidade, porem proporção guardada com as do Reino, se exceptuar-mos Lisboa, lhes é muito superior. Além de um extremo aceio no interior das cazas, o seu exterior assim como as ruas em geral apresentam o mais completo estado de limpeza e poticia sanitaria, ainda que estreitas e tortuosas. Antes de 1836 em quazitodas corria um regato d'agua o que muito contribuia para a sua fresquidão e aceio, assim como para os diversos processos do tratamento dos vinhos, os quaes estão depositados nas lojas d'esta cidade, porem pouco a pouco se tem hido fechando e ni-

yellando, de sorte que hoje por quasi todas podem franziaar pequenas segas ou cabrios-lets.

Os melhores edificios d'esta cidade são os seguintes: O Palacio dos governadores na Fortaleza de S. Lourenço; tem salões maiores do que os Paços reaes das Necessidades, Queluz ou Cintra, mobilados e construidos á moderna moda Inglesa. O Paço Episcopal, de antigo gosto; a bellissima casa pertencente ao Morgado João da Camara de Carvalhal na rua dos Ferreiros, equivalente ao palacio do conde do Farrobo em Lisboa, mas muito maior; a outra pertencente ao mesmó em frente da Igreja de S. Pedro; a do Visconde de Torrebellá; a do Barão do Fojal, ao Carmo; a da familia Vasconcellos na rua do Pinheiro, muito embellezada modernamente á Inglesa, a do Morgado J. de F. da Silva em St. Clara, em forma de baluarte bellico, e gozando da melhor vista de toda a cidade; a quinta das *Angustias*, denominada Mirante de D. *Guimar*, na extremidade occidental do Funchal; a do Morgado Beringuer na parte Noroeste da mesma, denominada Quinta de S. João, em bellissimo sitio &c. Diversas e lindas são as quintas situadas nos arredores do Funchal, entre as quaes se distinguirão sempre como modellos de gosto elegancia e commodidade e aceio as seguintes: a denominada do *Deão* pertencente a J. Keirs; a de Blandy; a de Pen-

fold; a de Hollway; a de Luiz d'Ornellas; a de Blackburns; a de Thomaz Gordon no Monte, a de Henrique Veitch na cidade, de estylo Chinez, a denominada do *Til* pertence ao mesmo morgado acima; ao val de Roberto Wallas, e as duas de Ambrozio da Camara todas 3 no caminho da Torrinha as de Gough, e Faustino d'Ornellas, ambas no caminho do Palheiro do Ferreiro. Como desta já fallei a folhas 44 abstenho-me de nada mais dizer. Alem d'estas muitas outras ha dignas de menção, pertencentes a Portuguezes, cuja numerosa nomenclatura, não admite este limitado resumo.

A cathedral ou Sé do Funchal, é obra mui bem acabada e grandiosa, completada por Philippe 2.º e maior e mais elegante que a de Lisboa; a sua Torre ainda que de agachada structura, tem 150 pés d'altura. Este bello e rico templo composto de 3 naves e fabricado todo de cedro da mesma ilha, foi começado pelos annos de 1515 no reinado d'El Rei D. Manuel. Merece logo segundo lugar o não menos elegante templo da invocação de S. João Baptista contiguo ao Collegio que foi dos Jesuitas. As demais Igrejas, pouca attenção merecem pela sua pequenez e mau gosto, de estylo da sua architectura.

Alem dos antigos edificios da Misericórdia, do Seminario, do ex-convento de S. Francisco, do vasto edificio da Alfandega e

Recebedoria, e dos 2 principaes conventos de freiras, incluindo os edificios publicos que deixou ditos, pouco se achará que avulte em extensão, a não serem mais algumas casas particulares, que se distinguem pelo seu accio e bom gosto.

Nas vizinhanças d'esta cidade existem ainda algumas quintas ou herdades arruinadas, que bem denotão a riqueza em que chegarão a avultar, assim como outras de moderno fabrico e plantio, as quaes inculcão o gosto de seus donos, de unir o util ao agradável. Entre as primeiras, notar-se-hão as duas immensas casas pertencentes ao morgado J. C. Carvalho, acima citado, uma no sítio do engenho em Caméra de Lobos, e outra em St.º António denominada *Quinta do Leme*; hoje ambas em ruina, e no centro de extensas e ricas propriedades agrarias pertencentes ao mesmo, também mui decaidas em agricultura e valor. O contrario porém acontece em alguns sítios onde a Natureza ajudada da arte, tem mudado em aprazivel e risonho aspecto, charnecas votadas á esterilidade. Neste caso agradavelmente se contemplão, a rendosa herdade do Barão do Tojal, em St.º António, ha 10 annos inculta; contiguo a esta a denominada quinta de Gardonne, com bella casa e productiva em excellentes vinhos; a de Antonio J. M. Bastos em St.º Martinho igualmente productiva em vinhos superiores, e com mui bella casa, a de Holway no cha-

mado *Caminho do Meio*, a de Penfold na *Achada*, e perto d'esta a de um Manoel Fernandes, magnifica vivenda &c.

O Funchal da parte do mar é mui bem defendido. A fortaleza do Ilheo, rochedo inaccessible que lhe fica para a parte do Poente, é fortemente fortificada com casamatas, cisterna, prisões e umas 20 peças de grosso calibre. Esta obra foi feita em 1686 pelo governador D. João de Menezes, durante a usurpação Castellhana. Em frente d'este ha tambem um fortim denominado a *Pontinha*, de pouca monta; tem o unico caes que ha na cidade. Peneo para Leste se acha a bateria, chamada das Fontes, por estar ao pé dos 3 abundantes canos d'excellente agoa, que abastecem a povoação; é guarnecida de umas 12 peças tambem de grosso calibre. No Palacio do governo igualmente ha redução para a parte do mar e terra. O Forte do Pelourinho tambem está guarnecido, assim como o de S. Tiago, a mais antiga obra de fortificação que ha n'esta ilha, e onde os primeiros donatarios tinham seu quartel general. Hoje se acha muito arruinado, e forma o limite Leste da forte cortina militar. Este forte foi começado pelos annos de 1431, e sendo então o Padroeiro da villa do Funchal S. Thiago menor, como ainda hoje cidade o é, a mesma invocação se lhe deu. Na explanada do edificio da Alfândega, tambem havia um forte reducto, cons-

truído em 1645 pelo Governador Nuno Peireira Freire, mas hoje está desmantelado. A mais consideravel porem de todas as obras de fortificação d'esta ilha, é o Castello de S. João Baptista, denominado comuimemente Fortaleza do *Pico*, por estar situado no cume de uma altura que domina a cidade. Foi este começado pelos annos de 1622 debaixo da inspecção do governador D. Francisco Henriques, reinando ainda Philippe 4.^o Apesar de ser estrategicamente delineado e construído, o seu architecto commetteo o mesmo erro que se encontra em quasi todos os edificios d'esta natureza, feitos pelos Hespanhoes na tenebrosa epocha dos Philippes; isto é, abundancia de subterraneos para sepultar victimas do fanatismo, e nenhuma attenção a tornar estas obras isemplas de serem dominadas por posição superior que as possa bater. Assim é a Torre de S. Julião da barra dominada pelo monte Algoirão; o Castello de S. Philippe de Setuval, (que tem muitissima semelhança com o nosso de S. João Baptista) igualmente dominado por uma altura não fortificada que lhe fica em frente, e este ultimo pelo *Pico de S. João*. Neste monte, para prevenir o que acabo de dizer, o governador D. Alvaro, fez construir um reducto em 1632, mas fosse devido á natureza do terreno ou dos materiaes, ou á ignorancia do Engenheiro, as chuvas de um só inverno bastarão para o derubar. Consta esta fortaleza de diversas ba-

terias de calibre grosso e columbrinas de bronze; cisterna, casamatas, ponte levadica, calabouços etc. e dizem que contem um vasto subterraneo, mas cuja avenida escura e tortuosa se entaipou no decurso do tempo, e hoje ninguem a conhece.

Esta cidade estende-se perto de um quarto de legoa de Nascente a Poente, com um fundo medeo de um oitavo; encerra 3 freguezias que são: N. Sr.^a do Calhau com 3.600 habitantes, Sé com 4.500, S. Pedro com 5.850 e abrange parte da freguezia de St.^a Luzia, com a qual formará uma totalidade de perto de 15.000 almas, povoação muito pouco adequada a uma tão dilatada extensão; mas o motivo é porque cada familia habita em uma só morada de casa, com seu quintal contiguo. Neste mesmo numero estão incluídos os estrangeiros e tropa de linha, as freiras dos 3 conventos e as recolhidas do Bom Jesus da Ribeira.

Esta cidade que começou a ser villa em 1451 tem sido victima de diversos flagellos da Natureza, assim como da rapacidade e da immoralidade dos homens. Na parte historica, que dará remate a esta Memoria, veremos em como foi saqueada e damnificada pelos Francezes em 1666, as ruinas que lhe causarão os terremotos de 1748 e de 1816, o eminente perigo que a ameaçou, e os estragos que lhe causou a aluvião de 1803 e por fim a perseguição e exterminio que tem

sóffrido seus mais illustres filhos, pelas sanguinarias Alçadas de 1823 e 1829. A sua historia civil andando ligada com a do resto da Ilha, nesses fragmentos apontarei o que mais saliente achar.

O Funchal não tem porto fechado, porem a sua dilatada bahia, que lhe serve de ancoradouro, é abrigada de todos os ventos menos pelo do Sul. Facilmente se poderia formar uma doca sufficiente para 20 embarcações, unindo o *Ilheó á Pontinha*, porem como até agora a Mãe Patria só tenha tratado de se recheiar da riqueza d'esta colonia sem prover ao seu bem estar, em tão proficua medida se não tem sonhado.

Esta cidade contem perto de 50 ruas, 15 travessas e becos, 6 calçadas, 3 mercados, 6 passeios arborisados, 3 conventos de freiras, 1 recolhimento, 1 seminario, 10 igrejas e diversas capellas, assim como uma igreja Inglesa; é a sede do Governador, do Bispo, da Feitoria Inglesa, dos Consules, das autoridades constituidas e da alfandega geral, seca e de importação &c.





CAPITULO IV.

Cultura das vinhas. Theoria do tratamento e exportação dos vinhos. Mappa da sua producção, e de trigo, e sua povoação parcial. Movimento do commercio de toda a Ilha e seu rendimento. Principaes fortunas territoriaes e mercantis. Medidas a adoptar, para prevenir a extincção do arvoredo, a escassez das agoas, a decadencia da agricultura e promover a prosperidade da Ilha em geral.



O unico objecto de riqueza territorial, da Madeira, que tal titulo mereça, é sem duvida a preciosa e abundante producção de seus generosos vinhos, os melhores que no

mundo se conhecem, e só com os quaes poderão pertender emparelhar os do Porto Xerez ou Chypre. D'esta ilha, mandou vir o sabio Infante D. Henrique as primeiras cepas do vidonho denominado *malvasia* pelos annos de 1427, e é de presumir que tambem todos os demais com pequena excepção, pois ignorasse, que na época d'este Principe, houvessem no Reino, vidonhos iguaes aos que hoje produz a Madeira, além do *bastardo*, *boal* e *verdelho*, dende julgo são oriundos, com a differença de terem melhorado e a perfeição da sua natureza, em um solo pyrogenico, gordo, forte, seco e virgem.

Diversas são as qualidades de uva em que abunda a sua colheita, e talvez mais numerosas que em nenhum outro paiz. Tambem com nenhum outro é a sua cultura mais difficiliosa e menos duradoura, o que é devido a natureza do seu terreno pedregoso e seco, onde um clima constantemente temperado, assim como a falta d'agoas e de humidade, empecem a vegetação e a tornão de curta longevidade; principalmente na parte do Sul, onde se produzem os melhores vinhos.

N'esta região, antes de 3 annos de cultivo, nada produz a cepa; no quarto começa a vigorizar-se, e a dar annualmente abundantes e grandiosos cachos; aos 8 annos achase na sua completa maturidade, e logo depois entra na sua decrepidez, perde o vi-

ço é a robustez; carrega pouco de uva; e por fim, morre entre os 10 a 15 annos. Ao menos é esta a conhecida theoria nos sequeiros; que domina na grande maioria da parte do Sul. O contrario, porem, acontece na do Norte, onde uma temperatura mais fria; e um terreno humido; abundante de lagos e de arvoredo, lhe conserva uma longevidade sempre viçosa; entrelaçada nos verdes ramos das arvores, produzindo quasi que sem trabalho, em muito maior abundancia, porem no geral de inferior qualidade.

Duas palavras direi sobre os diversos lotes de vinho; e o singular tratamento, de que nesta ilha usão para rapidamente o envelhecer.

Começaremos pelo *Sercial*, a meu ver, a mais preciosa e exquêsita das bebidas; assim como a mais custosa, e rara a obter; e a que mais tempo exige para um completo aperfeiçoamento. O seu cacho, raramente adquire uma madureza perfeita; conserva sempre uma natural agrosidade, e apenas é toleravel o que nasce na beira mar, crestando pela brarezia e ardor do sol. Nada menos de 10 annos são necessarios, para este liquido adquirir o gosto, aroma e torrão que tanto o caracterisam; e durante este longo periodo, mui dispendioso e difficil ao seu trafego, absorvendo perto de metade da sua totalidade em agoardente; a qual evaporando-se em tão comprido espaço, não fallando ja no da Es-

tusa, faz sobresahir ao Sercial as qualidades naturaes de que é dotado, as quaes a idade aperfeicoa; por isso uma pipa d'elle, da melhor qualidade, com o tratamento que deixa dito, vale nunca menos de 200\$000 rs. O melhor, e talvez o unico bom que se cultiva, é o da fréguezia do *Paul* do mar, pertencente ao morgado João da Camara de Carvalho, e toda a ilha poderá produzir annualmente 150 pipas do bom.

Vem logo depois a *Malvasia*, bebida doce que muitos preferem ao Sercial, e que com elle emparelha na superioridade e valor. Da de superior qualidade apenas se colherão annualmente umas 200 pipas; esta se poderá bem comparar ao fabuloso nectar, no mellifluo gosto e delicioso aroma, que parece sair de um ramo de odoríferas flores. Com 3 annos de idade, ja esta bebida é preciosa, e quanto mais velha melhor, accrescendo, que mesmo de 1 anno é muito agradável, e até mais exhala o seu perfume, e mais gosto da uva tem.

A colheita total, entre boa e má, chegará a perto de 600 pipas, porem a melhor, provém do lugar no Campanario, denominado *Fajam dos Padres*, que pertenceu aos Jesuitas, e logo depois a do *Paul*, *Jardim*, *Arco da Calheta* e *Magdalena*.

A 3.ª qualidade de vinho que mais valor tem no mercado, mas que poucos proprietários magdão fuzer em separado por ser o vi-

donho raro, é o *Boal*, cujo cacho comprido e bago miúdo, dado-se bem na vinha de pé, e por isso prematuramente crestado pelo ardor do sol e calor natural da terra, temporariamente amadurece, o que junto á fortaleza e generosidade da sua natureza, produz um liquido de summa preciosidade; e o mais aromatico de quantos dá a Madeira, porem de escassa quantidade, pois de *Boal* puro, apenas se poderão colher annualmente umas 50 pipas. O de melhor qualidade é produzido nas freguezias do *Campanario*, *Camera de Lobos*, *St. Antonio*, *Estreito da Calheta* &c. &c. e o seu preço pouca differença faz para menos do da malvasia.

Apenas aqui farei menção da muito rara e estimada uva denominada *bastardo*, á qual já hoje pela sua escacez, não se pode separar para fazer liquido puro, de uma só qualidade. Duas cousas se lhe notão que a tornão apreciavel e curiosa; a primeira é por ser rara e excellente para prato ou meza, pela dureza e adstringencia do seu bago; e a segunda é, que sendo uva preta, produz vinho branco.

Em ordem numerica do valor, poderemos contar em quarta qualidade, a conhecida e afamada *Tinta*, denominação bem applicada, pela sua cor, e exclusivamente feita da uva preta. Os epicuristas classificão-na em duas qualidades, a forte e a fraca. A da primeira classe abunda nas freguezias de St.º An-

tonio; Camêra de Lobos, Estreito, e S. Martinho, e a da 2.^a nas de Porto do Moniz, Santa Cruz, e Gaula. O seu uso é muito recommendado nas diarreas; gozando alem d'essa, d'outras virtudes medicinaes, e em adstringencia emparelha com o melhor vinho do Porto tinto. Sendo velha, mais preço tem; com tudo a meu ver o está-lo da sua perfeição é aos 3 annos, antes que perca a cor e o apertado do gosto; o que acontece dos 4 em diante. A sua colheita não é escassa; da melhor sorte; se poderão colher annualmente 350 pipas e no total umas 800; e do primeiro lote tendo de 2 a 3 annos de idade pode valer 110,000 rs. por pipa; mas a do segundo como quasi se sirva para misturar com o vinho branco, além de lhe dar cor, regula menos de metade d'est'outra, e não tem consumo em paiz estrangeiro.

Muitas outras qualidades de uva ha, taes como *Canaria*, *Peringó*, *Muscato*, *Ferral*, *Negrião* & porem a sua diminuta quantidade pertencente a um só proprietario, em os sitios onde nascem, não permite d'ellas fazer liquido puro, e vão juntamente com o *verdelho*, formar a grande maioria da producção dos seus vinhos, dos quaes esta ultima qualidade entra nas seis decimas partes da sua totalidade. Vejamos agora o modo singular de os tratar, nos dois sistemas em uso de *Canteiro* e de *Estufa*. O primeiro reduz se a conserva-lo no vasilhame collocado em cima de duas trayes, na altu-

ra de 2 ou 3 palmos do chão, e ali se lhe presta o necessario tratamento; começarei desde o seu primeiro processo. Colhida que é a uva, e lançada no lagar, é pisada com os pés até que o bago fica quasi moído; então de todo o bagaço se forma uma pyramide sustentada em roda por cordas, em cima da qual uma taboa vai servir de base a alguns pedaços de madeira quadrados até irem tocar na vara do lagar, isto é, uma grossa viga que o atravessa, com um machismo de espremer ou apertar o objecto a que é aplicado, com um pezo de pedra. Fimdo este processo, desmancha-se o bagaço, o qual ficou exausto de suco aparentemente, é cortado, separado, e então outra vez fortemente calcado, ao que chamão *repiza*, fimdo o que, o mesmo residuo esmóndose outra vez do amago da uva que se não pôde esgotar no primeiro processo, passa a um segundo igual, e o liquido que produz, chamado o da corda ou repiza, é de superior qualidade. Depois torna-se a desmanchar o bagaço, deita-se lhe agoa, o que produz a *água pé*.

Sacado o mosto da tina, he lançado em pipas, não batocadas, por causada effervescência que logo se lhe desenvolve, e dura, nos vinhos generosos ate Dezembro. Claro que esteja, é tirado de cima da borra; então aquelle que se destina para aguardente é logo mandado para o alambique, e o que se quer tratar para velho vai para o canteiro

onde é clarificado com goma de peixe, ou claras d'ovo, ou sangue, e logo trestegado e agoardentado. Nos primeiros 18 mezes, é necessario repetir este processo 6 ou 8 vezes abafando-o sempre com agoardente: Se acaso por ser muito maduro ou muito verde o vinho amolece, e fica como azeite, o que acontece ás vezes nestes dois extremos, é percizo logo baldea-lo, rolar a pipa em que está, ou bate-lo bem com o mechedor e agoardenta-lo, mas se a nada disto cede, só o calor da estufa o curará, ou servirá para agoardente.

Agora fallarei d'este curioso processo de que se tem dito muito mal e bem, e sobre o qual ainda hoje a opinião publica não está inteiramente pronnoiada. A estufa nada mais é do que o methodo de accelerar o desenvolvimento das particulas que constituem a excellencia do vinho da Madeira, isto é, suprir em 3 mezes o que 7 ou 8 annos havião de exigir; e neste inegavel principio, sustentarei, que o sistema de estufar a grande maioria do vinho que da Madeira se exporta, he o que a tem sustentado nestes ultimos annos em que este seu unico artigo de commercio tem achado poderosos concorrentes nos mercados estrangeiros, havendo o seu por capricho da moda, soffrido desuso, assim como um eterno empate o viria estagnar, a não ser o rapido processo que tanto barateou o valor com que pode ser exportado.

este género, com bom interesse, sem comtudo ser adulterado ou falsificado.

Uns 25 annos haverão que ainda a Inglaterra, importava para seu domestico consumo perto de 6:000 pipas de vinho da Madeira, porem hoje nem 800 gasta annualmente, em consequencia de ter entrado em moda o Xerez, o Porto e os Vinhos Francezes, e para as Indias não vai ja ametade do que ia, por se fornecerem em grande quantidade de vinho do Cabo de Boa Esperança, colonia Inglesa.

Seria inepto, vulgar, que foi o processo da Estufa que desacreditou este género, e diminuiu o seu consumo, pois alem de se ter em recompensa acreditado na Russia, nos Estados Unidos, na Hollanda &c. &c. existe a mesma possibilidade de se embarcar vinho de Canteiro como d'antes, o que ainda hoje se pratica com muitos freguezes. Alguns annos antes d'essa época, isto é, antes da introdução das Estufas, custava uma pipa de Vinho prompto para embarque muitissimo mais do que hoje, em consequencia de exigir 5 ou 6 idades da que hoje produz este systema, e então a não ser esta providencia, que tanto veio baratear a unica producção que a viventa a Madelra, o que seria hoje d'ella, se este methodo não tivesse facilitado a sua exportação, barateando o seu custo? Concluo pois, em quanto estes vinhos, pela sua carestia, se não poderão proporcionar ao

consumo de diversos Povos do Norte, pouco gasto fazião d'elles, porem hoje que o systema das Estufas veio facilitar a sua extracção, assim como dar-lhe velhice e fortaleza para resistir ao gelo do Norte, recebeu nova circulação o sangue d'esta Ilha, e povos que estavam privados d'este artigo de luxo por causa do seu alto custo, hoje o gastão com profusão; assim vemos nós os Estados Unidos consumirem em directura ou por via de Inglaterra 4:200 pipas annualmente, a Russia 2:000, a Hollanda, a Suecia, as cidades Hanseaticas &c. &c. á proporção.

todavia, não se deve inserir pelo que deixo dito que o vinho estufado seja superior em qualidade ao de canteiro, o qual em geral é mais estimado, para o uso do paiz, não só porque grande parte é produzido nos melhores torrões do Sul da Ilha, mas também por ser mais aromatico, macio e corpulento.

Consiste o processo de estufar vinho, na seguinte maneira. Qualquer que seja o edificio, [em geral são de abobeda] deve ser hermeticamente rebocado a estuque, deixando-se-lhe apenas a porta por onde entra o vasilhame, a qual é também entaipada, depois que a cascadura se acha estivada dentro, e apenas se-lhe deixa um postigo por onde um só homem possa caber, para hir diariamente examinar com uma lanterna se há novidade dentro. No edificio deye haver

uma fôrnalha, praticada no interior, porem de maneira que facilmente seja alimentada de fora com o necessario combustivel, findo o que é fechada. Em todo o circuito do muro da mesma Estufa ha um cano ou tubo de cantaria ou teijolo, que faz circular o intenso calor da fôrnalha por toda a parte, calor que muitas vezes excede a 160 graus de Fahrenheit, e então o liquido ferve dentro da vazilha como uma chaleira em cima de brazas, tendo se lhe previamente feito um furo no fundo superior, para não arrebentar. Durante 3 mezes ou 100 dias se acha nesta continua fermentação na qual perde em geral 10 p.100 da sua totalidade; então apaga-se a fôrnalha, e dias depois vão as pipas para o canteiro a fim do vinho ser tratado. É notavel, que até durante o maior auge de calor, entrão neste Inferno artificial homens a isso costumados, e com a ajuda da lanterna correm os sinuosos espaços com que o vazilhame está estivado, e estancão facilmente algum esvaimento, ruptura ou broca.

Outras Estufas mais benignas ha que cozem com lenha, (pois as que deixo ditas são de carvão de pedra) e com um calor muito mais brando, porem em dobrado espaço. Igualmente dentro do esterco do gado vacum o cavallar, se cose vinho, assim como ao Sol, durante o verão, e este ultimo modo, ainda que requiera muita maior delonga, pa-

rece ser o que melhor se identifica com a sua natureza.

A annual exportação d'este genero chegou nos felices annos da ultima guerra continental quazi ao dobro da de hoje, e a duplicado preço, por isso tão lisongeiras circumstancias a muitos proprietarios e negociantes allucinou, empenhando-os no empate de capitães mortos, ou em depozitos destes mesmos vinhos, grandes sommas, que ao depois, pela quebra de valor delles, muito desfalcarão suas fortunas. Hoje pode-se calcular a exportação em perto de 9:000 pipas, tendo assaz augmentado desde os ultimos 10 annos, o que se verá pelos seguintes:

PIPAS.

1830	5:994	1837	8:123
32	7:163	38	9:828
34	9:228	39	9:048
36	7:913	40	9:782

O preço de embarque do vinho seco no geral, é de 40 a 44 libras esterlinas por pipa, o que regula por 200,000 rs. do paiz, e do outro é perto do dobro.

Pelo seguinte mappa, se verá a sua produção em cereaes e vinho; muitos outros generos de alimento produz, que ahi não vão especificados.

Mappa de todas as freguezias da Madeira, sua porção respectiva, e seu rendimento annual approximativo, em Vinho e Cerejas, calculado pelos ultimos 10 annos

Freguezias	Almas	Pipas de Vinho	Molos de Tr.	D.º de Mistura*
<i>Costa do Sul</i>				
Caniçal	4:360	900	185	75
Machico, villa	—	—	—	—
Agua de Pena	35100	455	86	30
St.ª Cruz, villa	1:360	120	90	45
Gaula	—	—	—	—
St.ª Anl.ª da Serra	1:080	15	64	55
Camacha	—	—	—	—
Canico	1:850	140	182	40
S. Gonçalo	1:320	90	38	12
St. M.ª Maior	3:600	140	18	5
Sé	4:500	2	"	"
S. Pedro	5:350	220	10	"
St.ª Lúzia	3:100	270	7	2
Monte	2:300	200	30	31
S. Roque	1:200	250	35	14
S. Antonio	4:000	1:200	26	22
	37:620	4:002	771	331

(*) Canteio, Cevada, Lentilhas, Favas, Milho &c. &c.

Freguezias	Almas	Pipas de V.	Moios de Tr.	Mistura
Rato	37:620	4:002	771	331
Curral das Freiras	865	100	—	6
S. Martinho	2:080	300	68	9
Camara de Lobos, villa	3:350	860	52	4
Estreito de d.	3:620	955	36	40
Campathario	2:680	108	74	20
Ribeira brava	2:900	130	38	62
Serra d'Agua	930	60	12	37
Atabua	1:460	83	52	20
Ponta do Sol, villa	3:800	500	156	62
Canhas	3:550	258	163	27
Madalena	720	85	10	2
Arco da Calheta	2:700	215	175	48
Calheta, villa	2:800	360	198	20
Estreito da d.	2:510	320	188	20
Prozures e Jardim	1:100	96	75	14
Paul	900	110	50	12
Fajam da Ovelha	2:040	135	220	35
<i>Costa d'Oeste</i>				
Ponta do Pargo	2:200	50	230	62
	77:125	8:787	2:675	827

Freguezias	Almas	Pipas de V.	Motos de Tr.	Mistura
Retro	77:125	8:787	2:675	827
<i>Costa da Norte</i>				
Porto do Moniz, villa	2:500	500	150	24
Ribeira da Janella	960	380	28	10
Seiçal	1:150	650	10	10
S. Vicente, villa	4:210	1:600	115	20
Ponte Delgada, villa	2:890	1:950	75	7
Boaventura	970	462	17	28
Arco de S. Jorge	800	528	13	7
S. Jorge	2:100	1:900	86	23
St. Anna, villa	2:900	1:300	110	18
Fayal	3:200	2:050	48	24
Ponte da Cruz	3:090	1:900	35	16
	101:635	23:007	3:362	1:014

Além dos Cereaes aqui descritos, esta Ilha produz annualmente perto de 150:000 sacos de batata, 60:000 de Inhame, outros tantos de batata doce, e importa annualmente, perto de 80 motos de feijão, 120 de centeio, 9:000 de milho, 8:000 de trigo além de muita farinha em barris, dos Estados Unidos.

Já atraz deixou levemente tocado o florescente estado de riqueza, de commercio e de prosperidade a que attingio esta ilha; mais alguns traços neste ramo, aqui lançarei, apontando os contratempos da fortuna que a têm vexado, os prejuizos que lhe resultão da falta de policia rural, e por fim os gravamens que sopeião o seu commercio interno e externo.

Para poder investigar muidamente esta materia, seria preciso ter á vista Documentos onde com segurança baseasse a narração, porém não existindo elles, só os mais salientes factos, de que conservamos memoria, aqui exporei.

Vimos a pag. 51 e seguintes a primitiva divisão do terreno d'esta Ilha, a sua cultura rapida, devida ao feudal systema da Sesmaria, e a numerosa povoação que em pouco encerrou, a qual unindo a Arte á Natureza extrahiui em breve do seio da virgem Madeira copiosas colheitas de vinho, Assucar, cereaes, Ceda, Caffé, Sumagre &c. &c. A superabundancia d'estes generos para o seu consumo, começou a ser exportada para Portugal; com tudo os primeiros vinhos de Malvasia e Seco qm d'ella sahirão, consta terem hido para a Côrte de Francisco 1.^o, Rei de França, segundo affirma Mr. Verdier, ao qual prodigalisa elogios. Este primeiro ensaio, é provavel que, grangeando-lhe numerosos partidarios, contribuisse para ser procurado ou por via de Lisboa ou em directura. As con-

lutas guerras que então se fazião, os Ingleses e Francezes, tanto mais concorrião para os segundos não poderem fornecer aos primeiros o artigo de que vinhão provir-se na Madeira. Em Inglaterra se propagou ainda mais a fama dos seus vinhos, principalmente entre os grandes; assim vemos o Duque de Clarence condemnado á morte em 1478, escolher morrer afogado em um Tonel de malvasia. Começou então a receber d'aquelles Insulares, fazendas grosseiras d'algodão e lã, e carnes de porco salgadas, em troca de vinho assucar e sumagre; e bacalhau e peixe salgado, primeiramente dos armadores de Aveiro e Vianna, e ao depois dos Hollandeses; em troca dos generos do paiz. Para a costa d'Africa exportava a Madeira Cerceas em retorno d'escravos, e ouro em pó.

A communicação com as diversas Nações com quem tinha tracto grosso, e proveitoso, a affluencia de personagens abastadas que de Portugal, que então dava leis nas quatro partes do Mundo, e senhoreava os mares, vinhão procurar a benignidade do seu clima, e o suave e paternal dominio da Dynastia dos Camaras, levarão a Madeira ao zenith da prosperidade. Porem a invazão que os Francezes fizeram no Funchal em 1666, matando mais de 300 pessoas, e saqueando-o durante 15 dias, interrompeo a felicidade da Ilha, e fez assaz decahir o seu commercio e grandeza que nunca reviveo. Porem o seu

tracto mercantil, a sua agricultura, e a sua fortuna, de todo se abismarão quando cahio na sugestão Castellhana. Esta Nação, lutando com a Holanda, com a Inglaterra, inimiga da França, e vergando ferreo despotismo na Italia, afugentou os navios d'estes paizes dos Portos da Lusitania. A tenebrosa politica dos Filippes, interessados na aniquilação dos Portuguezes, lhes esgotava todos os recursos, deixando-os com indifferença acintosa perder a sua respeitavel marinha e suas ricas colonias. Assim padecemos, debaixo d'aquelle despotico e iniquo jugo, todos os males communs a Portugal. Ficámos pobres, ignorantes, desanimados, e vimos o nervo maior do nosso commercio então, o assuac, sem extracção, desde 1600, pela abundancia que d'elle começava a haver na America, onde foi introduzido da Madeira.

A prolongada guerra, da restauração que se seguiu, na qual esta Ilha se envolveo para recobrar a liberdade, não permittio que curasse de seu commercio e agricultura até á paz de 1668.

As relações intimas que estabeleceo com a Grã-Bretanha, que começava a ser arbitra dos mares, e o gosto d'esta Nação pelos vinhos generosos, fez com que a Madeira sobrisse da apatia, em razão de que por toda a parte se começou a plantar vinhas, substituindo as canas, como mais propria produção; tirarão-se novas levadas, e se restabe-

lecerão outras, que a falta d'arvoredo ja tornara inaptas.

Pelos annos de 1600 umas 10 casas Inglezas, e outras tantas de outros estrangeiros, se fizerão sedentarias no Funchal, e juntas com 8 ou 8 Portuguezas compravão os vinhos já promptos e os exportavão, recebendo artigos de retorno. Era então a bondade d'elles aperfeiçoada sobre o canteiro, porem como todos que produzia a ilha se não podessem extrahir por este só giro, e no consumo do paiz, começaram alguns a reduzir em agoardente os mais baixos, e estas embarcavão para o Brázil, e costa d'Africa, reexportando mesmo para ali, farinhas, bacalhão, pannos &c. &c. que lhe sobravão, recebendo em troca escravos e ouro.

Dos tratos com o Reino, só recebia, como hoje recebe, Azeite, Sal, Telha, utensilios domesticos, e muita cal, que hoje pode exportar, &c. &c. porem era justamente o paiz com quem menos interessava a balança do commercio, pois em troço ja havião poucos assucares que dar, o que devia suprir o numerario.

Os Inglezes d'isto se aproveitarão, introduzindo dinheiro hespanhol de baixa condição, com enormes interesses, em prejuizo do paiz, sendo este o unico numerario que ali girava desde o jugo Castelhana.

Tal era o estado da ilha até os annos

de 1760, em que o seu commercio tomou um novo desenvolvimento, e ampliou suas relações estrangeiras, o que produziu mais civilisação e polidez; porem lhe introduziu o cancro mortal do luxo, e adulteração dos costumes. A quatro motivos pode-se attribuir esta nova ordem de cousas, 1.º ao uso de estufar e tratar os vinhos com boa agoardente de França; 2.º de se tornarem os Inglozes proprietarios na ilha; 3.º a separação dos Estados Unidos e 4.º a sabia administração do marquez de Pombal.

Com a introdução da boa agoardente Franceza, se seguiu a de Hespanha e de Italia por abuzo, e logo começaram a ser adulteradas, e por isso a prejudicar aos vinhos, principalmente os de baixa condição, que por isso mesmo precisavão de maior quantidade, e com tal natureza se hão mascarar nas Estufas. Com este transtorno os vinhos do Norte da ilha, sendo baratos, tiverão mais extracção que os do Sul, para embarque, no que muito prejudicarão aos lavradores d'esta parte, tanto mais que a sua cultura sendo mais difficil e dispendiosa é menos duradoura. Assim se paralisou a venda dos bons vinhos, e se desacreditou a sua fama nos mercados consumidores, tendo de soffrer igual sorte os mesmos bons no decurso do tempo.

A guerra da Independencia Americana fez por alguns annos paralisar o commercio d'esta ilha, porem pela sua emancipação, o

giro do nosso commercio, que girava quasi todo por Inglaterra, tomou novas direcções. Fez-se elle, logo em grande parte com esta nova Potencia, de modo, que tendo estas duas Nações rivaes por consumidoras, e concorrendo novos Mercados do Norte e Indias, foram prodigiosamente augmentadas suas relações mercantis.

As guerras que se seguirão nos fins do seculo passado, entre Inglaterra, França, Hespanha &c. &c. não pouco contribuíram a augmentar a riqueza da Madeira, fôrnicendo exclusivamente os mercados Britanicos de vinho. Então tornou a entrar este artigo em moda, e a experiencia do passado fez com que se curasse mais na sua boa qualidade, para restabelecer seu credito. Começou pois esta Nação a levar os vinhos mais finos, e tendo ella aberto vasto commercio com as suas Ilhas Americanas e com a India, foi levando o da Madeira a um termo verdadeiramente feliz, que ainda cresceu no fim do seculo, com a revolução da França, tornando geral a guerra na Europa, e dificultando a extracção das Potencias belligerantes. Desde o anno de 1792 até 1818 decorreu o periodo brilhante da prosperidade da Madeira. Um concurso de circumstancias todas felizes, mas todas fora do alcance da sagacidade humana, levou seu commercio nessa época, apesar das desgraças de Portugal, a uma grande florescencia a que hoje não pode

rão remonta-lhe medidas legislativas, por mais adequadas que pareçam á sabedoria e vontade do legislador.

Nessa época feliz o rendimento da coroa andava de 450 a 550 contos de réis: só a Alfandega rendia perto de 250 contos apesar do immenso contrabando que se fazia, porem, hoje mesmo não obstante o estado de abatimento geral, a Alfandega do Funchal é a 3.ª da Monarquia. O rendimento do Estado, pode-se actualmente calcular como segue.

Alfandega.....	135:000\$000
Dízimos.....	65:000\$000
Real d'Agua e de Vinho.....	10:000\$000
Siza, Foros e Proprios.....	10:000\$000
Finta, Multas, e Impostos d'Es-	
tufas.....	8:000\$000
Subsidio litterario.....	6:000\$000
Barcos de pesca.....	600\$000
	R.º 234:600\$000

O movimento geral do commercio hoje limita-se aos generos, e paizes seguintes. De Portugal, a Madeira recebe, assucar, azeite, sal, telha, chocolate, couros e alguns artigos do Brazil e cereaes, tudo pago a dinheiro. Da Inglaterra recebe, fazendas de linho, de lã, d'algodão e de seda, ferro bruto, em ferragens e arcos, vidros, louças,

papel, chapéos, moveis, carvão de pedra, breu, carnes salgadas, bacalhau, chá, algum grão e farinha, e em troco dá vinhos que os Britanicos ahi estabelecidos exportão para outros paizes, e alguma fructa. Dos Estados Unidos, recebe milho, farinha, aduella, arroz, taboado e chá que tudo paga em vinho.

Da Russia recebe, ferro, cera, linho oleo de linhaça, trigo, panno de linho, taboado, e em troco dá vinho. Da Hollanda, Hamburgo e mais paizes do Norte, recebe carne e peixe salgado, taboado, breu, alguns cavallos, algum trigo e linho, que paga metade a dinheiro, e outra em vinho, e refrescos aos navios de passagem. Dos portos do Mediterraneo e Levante, recebe grão, que paga todo em metal. Com a França poucas relações commerciaes tem, e essas mesmo quasi que todas são feitas por via de Inglaterra, recebendo algumas quinquilharias, e objectos de moda d'aquella Nação, que pouco vinho lhe gasta. Com o Brasil e Ilhas da America, apezar que não seja mui extenso o commercio, é com tudo lucrativo, pois d'aquelle Imperio recebe assucar, café, arroz, mandioca e coiros, que paga em parte com vinho e cebolas, e as Ilhas lhe consomem boa porção de vinho, gado vacum e cebolas, sem darem objecto do retorno. Dos Açores, Canarias e Cabo verde, recebe trigo, milho e feijão, que paga a dinheiro.

O valor total dos objectos de exporta-

ção calculando o vinho no geral a 150\$000 a pipa, andarão por réis 1.000\$000\$000; o de importação nos objectos acima mencionados não passa de 765:000\$000 réis, havendo um ballanço de 235 contos a favor da Madeira, sendo este calculado pelo rendimento da Alfandega, na proporção dos respectivos direitos, sobre o valor dos objectos importados.

No Funchal, existem umas 30 Casas de negocio quasi todas Inglezas, muitas das quaes respeitaveis em cabedal e giro, porem com magoa vemos, que apenas contem meia duzia de estabelecimentos Portuguezes, que tal nome mereção, que possão com ellas competir, e alguns d'esses mesmos, ja se tem visto na borda do abismo; pois a ambição Britanica, que sabe prestar mutuos auxilios aos seus Nacionais, na hora do infortunio, e em quem brilha a união e nacionalidade, emprega todos os rodeios para desacreditar e arruinar todo o estabelecimento não Inglez, que lhe possa fazer sombra; ou não entre na sua communhão de ideas e interesses.

Se exceptuarmos a Casa de J. A. G. Rego; pode-se dizer, que é a unica Portugueza de nome, que ha na Madeira a do Barrão do Tojal; porem nesta mesma, se verificou ja, o que acabo de dizer, tendo á alguns annos soffrido um grave choque, machucado pelos Britanicos, que a olhão com inveja, triumphar dos seus combinados ataques. A estas, seguem-se, as de Araújo Irmãos,

J. M. Bernes, R. Leal, Monteiro &c.^a F. A. Orpellas, e A. Pestana.

Entre as casas estrangeiras, ricas e acreditadas, as principaes são as seguintes = Blackburns &c.^a, Blandy, Burnett & Houghton Gordon Duff &c.^a, Keirs &c.^a, Leacock Harris &c.^a, Lewis &c.^a J. H. March &c.^a, Murdock Shortridge &c.^a, Newton Gordon Murdock &c.^a, Phelps Page &c.^a e Rutherford & Grant.

Como a grande maioria do commercio dos vinhos, seja feita por estes estrangeiros, igual porção de influencia e de monopólio devem exercer no manejo de os obter e pagar. Antes do nefando tratado de 1810, era prohibido aos Ingleses comprar vinhos em mosto, porem sendo-lhes isto facultado, tornarão-se os arbitros deste genero, e os verdadeiros senhores das terras.

Nessa epoca, valia este artigo 5 e 6 vezes mais do que hoje, e os incautos proprietarios nadando no ouro e na abundancia, não só dilapidavão o actual, mas contrahião novos creditos, que o negociante com gosto adiantava muitas vezes com usura, na esperança de lhe ter preza a novidade. Veio a idade de ferro, e então que conhecerão o erro; uns carregados de dividas, limitarão-se a viver do tenue, que lhe quizesse dar o seu mercador, a quem hypothecara o seu rendimento, e outros que ficarão exauridos, sem dever, mas também sem capital, forão-se desfazendo de al-

guma reserva que lhe restará, e por fim, entregarão-se nas mãos de quem lhe fosse supprindo sua família.

O luxo, é sim facil a introduzir-se, porem custoso a desarreigar-se. Chegara este ao seu auge, nesta ilha, com o augmento de sua riqueza, porem não obstante a decadencia d'esta, foi sempre em augmento, e isso só em proveito dos Inglezes que lho ministravão, recebendo seus vinhos, já por diminuído valor.

E' assim, pois, que elles se habilitarão até hoje a fornecer á maior parte dos Proprietarios, não só todos os objectos necessarios para cobrir a nudez, mas tambem a grande parte do alimento, por preços carregados, e pelo *sythema de á conta*, cujos *items d'anno a anno* é que ajustão com seus freguezes, ou por outra seus eseravos, de quem recebem o vinho á bica, deixando-lhes apenas, para o uso d'algumas semanas, a baixa droga, chamada *Vinho de escolha*.

As fortunas territoriaes, nesta ilha são numerosas e consideraveis. A grande casa do morgado J. da Camara de Carvalho, a maior, em extensão que ha em Portugal e dominios, rende perto de 140 mil cruzados, e se todas as suas terras estivessem cultivadas, duplicaria esta somma. De 15 a 20 mil cruzados encontram-se 5 casas, porem de 6 a 10 sobem de 15, e de 3 a 5 ha mais de 26.

Resta neste capitulo, lançar um golpe de vista sobre as causas que tanto mal tem

causado a esta Provincia, indicando o modo de o prevenir, e promover a sua prosperidade.

A Madeira, outr'ora afamada pela espessura das suas matas, que lhe dêrão o nome, hoje bem podéra trocar este appellido pelo da ilha da rocha, tal é o estado dos seus montes, despidos de arvoredo, e em muita parte esburgados de rica terra vegetal, que toda lha vão arrostando para o Oceano, á mingoa de raizes que aprendão, as copiosas chuvas do inverno e o declive natural do terreno. Facilmente se podem colligir, os inconvenientes que d'isso devem resultar, não só para o caudal das nascentes e fertilidade do solo, mas também para a adherencia e conservação de terras soltas, na superficie de grandes picos de basalto, que formão a ossama do paiz.

E' pois de suma necessidade, não só evitar a destruição do pouco arvoredo que ainda existe, mas também promover a plantação de novo; porque a não ser assim, no correr dos annos, apenas restará alguns vales com cultura, e madeiras para construcção e combustivel, serão nesta ilha, o objecto mais caro de consumo. Foi pois uma medida mui bem assizada, no Barão de Lordello, propôr ao Governo, o conceder a importação de carvão de pedra, livre de todo o direito de entrada, pois o desfalque que esta franquia occasionasse ás rendas do Estado, seria com muita

usura, compensado pelos benefícios que d'ella havião de derivar. Todos os Governos liberaes são avaros em conceder privilegios exclusivos e isempções a subditos, e ainda mais a Provincias, porem ainda que aparentemente justa, é errada maxima. A lei da razão manda que se legisle com conhecimento de circumstancias e de local, por isso o que em Portugal passaria por uma monstruosidade, na Madeira seria uma medida justa. Esta ilha só vive da exportação dos seus vinhos, cujo producto, paga ao Estado os direitos, desde aquillo que lhe serve de cobrir a nudez, ao que lhe alimenta a existencia, produzindo apenas cereaes para 4 mezes. Por cumulo de desgraça, é obrigada a receber do Portugal generos que podia comprar muito mais em conta n'outro paiz, e pelo seu unico artigo de exportação paga um pezado direito.

Os progressos do commercio e da agricultura, n'esta ilha, dependem essencialmente na justa combinação da franquia que devem ter certos generos de importação, assim como na facilidade da exportação do seu. Não havendo meio de fazer valer o superfluo das produções, os trabalhos se reduzem a extrahir da terra, as materias meramente necessarias para o consumo. Esta facilidade de exportação, consiste primeiro que tudo no alivio do direito de sahida, que paga o vinho, e na franquia de todos os aprestos e objectos necessarios para tancia e vasilhame,

como materiaes indispensaveis, que a ilha não produz. Esta faculdade, deveria até tornar-se extensiva temporariamente, ás madeiras de construcção de movel, pois o vandalismo nas matas d'esta ilha tem sido tal, que muitas das bellas especies indigenas, como o cedro, o barbusano e o pau branco, já desaparecerão de todo; á força de fogo e de machado, restando apenas alguns tis vinhaticos e nogueiras de grande corpulencia, que se a authoridade não acodir com a medida preventiva de tornar livre de direito de entrada as madeiras proprias para construcção, não será possivel segurar mais alguns annos de existencia á quelles venerandos restos de riqueza vegetal d'esta ilha (vide pag. 5)

Finalmente, deve-se contemplar, na massa dos males, que, ultimamente mais tem pezado sobre a Madeira, a lei das Pautas, que com os seus direitos prohibitivos, nada mais tem feito, se não aperfeiçoar a sciencia do contrabando, dando cabo de um commercio ja tão enfraquecido. A mania de tudo quer mudar, levou esses novos legisladores á demencia de pôr a Madeira na mesma escala de produções e interesses que Portugal, com quem esta ilha não pode commerciar, pois abundando em vinhos excellentes, não os consome aquella, a quem tambem não pode fornecer os artefactos, de que carece. A Madeira só pode negociar com paizes não

vinhateiros, e delles receber os artigos do que carece mas com direitos suaves.

A estagnação geral, do commercio; pois, tem produzido um desalento geral. Os lavradores, cedendo aos embustes dos colonisadores Ingiezes, estão a embarcar aos centenares, para as pistilenciosas e lorradas colonias d'oeste; porem aos esforços do Deputado Dr. Affonseca, acaba o corpo legislativo de nomear uma Commissão d'Inquirito, n'aquella ilha, a fim de remediar aos estragos que lhe tem causado as Pautas.

O corregedor A. Velozo, a quem a Madeira deve a introdução da *Semilha*, (batata) deixou as seguintes observações sobre a sua agricultura, as quaes pela sua sensatez aqui transcrevo.

1.º Das beiras dos caminhos, se deve desterrar o silvado, que só serve de receptaculo aos ratos e lagartixas, e em lugar d'estes bardos, se deverão formar outros de pereiras, amexieiras, marmeleiros &c. e nas partes humidas de cidreiras. Estas arvores, defenderão as fazendas, dos ventos, sustentarão o homem e os animaes, e farão com que os vadios contentando-se com os seus fructos, não entrem nas fazendas. 2.º De meia terra acima, se devem propagar castanheiros, para depois enxertar. Junto a estes, nos sitios proprios, plante-se-lhe vinhha, a qual enlaçando-se nelles, virá a produzir em abundancia, pelo menos para agoardente. O melhor

videnho para este fim é o verdelho eserciali (Veja-se a paginas 33 a utilidade e bondade dos castanheiros n'esta ilha) 3.º Nos sitios abrigados, devem se plantar laranjeiras, limoeiros e cidreiras. Com o seu fructo, se poderia fazer tanto commercio como nos Açores, pois se em geral a laranja é má, tambem produz excellente; deve-se generalisar a de melhor qualidade, e o melhor methodo de as haver, é plantando estacas de cidreira, as quaes depois se enxertarão de garfo. Quanto aos limoeiros, como pegão do ramo, em breve se tornarão excellentes arvores, tendo-se cuidado de as limpar sempre antes da primavera, para que se não tornem bravias. 4.º Nos lugares visinhos ao mar, e saltos d'agoa, se devem plantar algodoeiros, os quaes só de per si, poderão formar o 2.º artigo de riqueza d'esta ilha, pois em 2 annos de cultura, recompensão amplamente o trabalho do agricultor, produzem algodão de excellente qualidade, e occupão o terreno seco e improprio para vinhas. 5.º Nos picos e terrenos esburgados e magros, e incapazes d'outra produção, se devem formar pinhaos, sendo este o meio de haver para o futuro lenha e madeiras. Esta plantação não exige trabalho, as raizes sustentão as terras, os nevoeiros e ventos embacção na sua ramagem, que ao mesmo tempo augmentarão o caudal das agoas &c. Pelo que respeita ás terras Realengas, deverão os Municipios providenciar. 6.º Deve-se severamen-

ãe prohibir que os lavradores plantem horta-
 liças por entre as vinhas. Estes arbustos, a-
 lem d'extrahirem a sustancia da terra, que
 devia alimentar as vinhas, fazem com que estas
 se enchão de alforra, e se abrazeem no verão,
 com o calor que a palha atrahê e conserva,
 alem de que diminuem a qualidade do vinho,
 pelas continuas regas que exigem. 7.º O
 maior cuidado do lavrador deverá dirigir-se
 a aproveitar todas as nascentes e minadoiros
 d'agua, entancando-os, o que facilmente con-
 seguirá, para fertilisar o terreno que agri-
 culta, e quando este não percize, sempre lhe
 achará prompta venda. 8.º Nas cearas de mi-
 lho, pode-se semear tambem feijão de vara,
 que nelle trepará, e assim o mesmo terreno
 produzirá duas colheitas. A batata tambem
 fructifica bem entre o milho, assim como nas
 serras e por baixo dos castanheiros. Entre
 os inhames, que são o diário alimento do la-
 vrador, se poderão plantar o feijão de vara,
 e semear linho; o trabalho é insignificante,
 e o lucro consideravel.



CAPITULO V.

Aventura tragica de Machim, que deo lugar ao descobrimento da Madeira por João G. Zargo, e T. Vaz Teixeira; exploração que nella fizeram, e sua divisão em duas Capitánias Donatarias.



Nos principios do XIV. seculo; reinando na Inglaterra Henrique IV, e em Portugal D. João I., teve lugar n'aquelle Reino um acontecimento, que deu origem á descoberta da ilha, que fórma o tóma da presente Memoria. (a)

(a) Os escriptores d'esta legenda, tem-se todos copiado uns aos outros, havendo o primeiro, o Dr. Fructuoso commettido um grave anachronismo. Diz elle que esta aventura de Machim acontecêra em 1344, o que não posso admittir, e mostro a incoherencia de tal data. Os companheiros d'elle, logo depois da sua morte, foram parar captivos a Marrocos, onde narrarão o seu funesto caso ao piloto Morales, o

Havia na cidade de Bristol um mancêbo cujo nome era Roberto Machim, a quem se a Natureza negou no nascimento o que lhe prodigalisou nas prendas, com ellas captou a affeição de uma menina chamada Anna Harfet, que só o excedia em nobreza. Apercebidos os parentes d'esta Dama do amor reciproco, não esperarão, que elle como cêgo, unisse a desigualdade dos extremos, e lhe ajustarão um casamento equivalente á sua alta jerarchia, entendendo que na separação mudarião os affectos; mas nem sempre é a auzencia madrasta do amor; extrêmos produzem extrêmos, e na perseguição se fortifica e augmenta a fé, a paixão do perseguido, do foragido. N'ella cresceu o amor com a saudade, n'elle com o sentimento do desprezo; e unidas estas paixões, produzirão o recurso da desesperação.

qual d'elles soube quanto podesse relativo á ilha que tinham descoberto. Pouco depois é resgatado, communica a Zargo as suas averiguações, com elle parte á demanda da incognita ilha, e a descobrem em 1419. Ora admittindo que elles a visitassem em 1344, temos que Morales só 75 annos depois é que partio com Zargo para a descobrir; o que não posso acreditar. Illo impossível que este capitão, além da idade que já tinha, naturalmente madura, pois era homem experimentado, jazesse no cativeiro mais 3 quartes partes de um seculo, isto é coincidindo as datas acima. Tudo isto me induz a classificar a sobredita aventura nos principios do seculo 1:100. veja-se pag. 12

Rezolvidos a tudo tentar para conseguir o complemento de seus amorosos desejos, não consultando a prudência, mas só guiados pela paixão e por sua juvenil vivacidade, emprehen-derão evadir-se de seus parentes. Com effeito ajustarão-se os dois amantes em se passa-rem para França, o que pela vizinhança dos dois paizes era facil, e pela guerra que en-tão entre elles subsistia, estavam seguros de não serem perseguidos. Deu Machim parte aos seus parentes, os quaes participantes da in-juria, de boamente quizerão partilhar no seu desagravo. Passarão pois occultamente á cida-de de Bristol, onde em um dia de festa, achando-se desamparados os navios, se apoderarão de um, e nelle se embarcarão com Anna Har-fet, a qual avisada de antemão, se ausentou de casa, com as melhores joias de seu adorno, sendo a principal um crucifixo a quem con-fiou o bom resultado de sua temeraria em-preza.

Ajudados pela noite e por um vento fa-voravel, se forão afastando do canal, e da ter-ra, até que engolfados no Oceano e corren-do a embarcação em pôpa com uma extrema mas traiçoeira velocidade, pois não tinham piloto que os guiasse, ja quasi alagados e nas bordas do abysmo, no fim de 13 dias de tor-menta, forão topar com uma ponta de terra a Oeste, a qual costearão até uma enseada pouco distante onde desembocava uma cau-daloza ribeira, e aqui Machim com seus com-

panheiros desembarcarão ; mas na terceira noite, soprou tal travessia do poente, que o navio desapareceu levando alguns da comitiva, e deixando tão estupefactos e consternados os miserandos peregrinos desembarcados, que a Dama Harfet cahindo em um profundo lethargo, no fim de 3 dias expirou.

O inconsolavel Machim, resignando-se a christianamente esgotar o calix de sua amargurada existencia, enterrou o cadaver de sua infeliz companheira, neste mesmo sitio em o concavo de um antiquissimo cédro. A' cabeceira lhe poz uma cruz de pau , tosca, parte da qual por memoria, se conserva ainda no mesmo sitio, onde depois se edificou um templo com a invocação de Jesus Crucificado, hoje a igreja da Misericordia. Ao pé do tumulo lhe levantou igualmente Machim outra cruz de cedro, com um letreiro em latim, que continha a narração de tão funesta aventura, rogando aos christãos que algum dia ali aportassem , fizessem erigir uma igreja com a invocação que acabamos de ouvir. Voltando se depois para os seus companheiros, rogou-lhes, que com os materiaes que ainda tinham, as aves e mariscos que podião colher, fossem tentar ventura no batel do navio, que tinha ficado em terra, porque quanto a si, estava decidido a jamais abandonar a sepultura de sua infeliz amante. Todavia, os fieis companheiros decidiram-se em não se separar d'elle, em um momento de tanta consterna-

ção, mas tão profunda dôr lhe sobreveio, que ao 5.º dia rendeu o ultimo sopro vital; então os restantes amigos o enterrão junto á defunta, pondo ao pé da lapida que cobria o jazigo, outra grande cruz do pau, e nella escreverão o fim de tão lastimoso successo. (b)

Executada esta obra de piedade, resolverão-se os estupefactos companheiros, a deixarem uma terra que vião brava, selvatica e inhabitada, na qual apenas alcançarão o momentaneo prazer de escaparem das ondas do Oceano para serem testemunhas de tão lamentavel aventura; e embarcando-se no bachel, e entregando-se á furia das ondas, em poucos dias forão parar na costa da Barbearia, ondesendo captivos pelos Mouros, forão levados a Marrocos, e abi encarcerados com os demais escravos christãos.

Existia entre estes, um piloto Castelhana, chamado João de Morales, o qual achando-se presente á tragica narração dos nossos naufragados, se informou com attenção dos ventos com que abordarão á incognita ilha, dos dias que gastarão, do clima &c. &c. e de tudo

(b) No decurso do tempo, por corrupção, se veio a chamar *Machico*, a este primeiro desembarcadouro, onde aportara Machim; das cruces e das sepulturas, não ha tradição veridica, ainda que muitos pertendem que a pequena cruz de cedro que existe na supra dita Igreja da Misericordia, seja feita da verdadeira que indicava o jazigo de Harfet.

fez conceito assizado e aproximativo da longitude e latitude em que devia estar situada. Resgatado este piloto, e navegando já para a costa d'Andaluzia, foi a sua embarcação aprisionada por João Gonsalves Zargo, que então andava cruzando na boca do Estreito, em consequencia da guerra que tinhamos com os Mouros a quem El-rei D. João 1.º acabava de tomar a forte praça de Ceuta em 1416. Desejando este piloto captar a afeição do guerreiro Portuguez, communicou-lhe tudo quanto tinha podido colligir, a respeito da nova terra que á pouco fora visitada, e offereceu-lhe para ir em demanda d'ella, antevedo-lhe a probabilidade de a poder aportar.

Logo que J. G. Zargo, teve maduramente examinado a narração do Castelhana e lhe desse credito de probabilidade, mandou immediatamente emproar para a costa do Algarve, á fim de dar tão fausta e esperançosa noticia ao Infante D. Henrique, e este, de Sagres, onde costumava residir, o remetteu logo para Lisboa a seu pai D. João 1.º e por sua recominendação, fez com que El rei entregasse ao dito Zargo uma respeitavel embarcação, com ordem de partir logo com o Castelhana a descôbrir a nova terra. (c)

(c) Alguns dos nossos escriptores, tem por duvidosa a opinião de que Zargo recebesse informações do piloto Morales relativas á existencia de tal ilha; outros até formalmente negão. O douto almirante

Fizerão-se á vella, de Lisboa, no principio de Junho, de 1419, e arrojados por fortes levantes, forão em pouco topar com a ilha do Porto Santo, já á 2 annos descuberta e povoada pelo capitão Donatario Bartholomeu Perestrelo, fidalgo da casa do Infante D. João, a quem El-rei a tinha dotado, e quando os nossos navegantes chegarão a esta ilha, era voz publica, que d'ahi a umas 10 legoas, se notava um perenne negrume, que por tão medonho e denso, ninguém se atrevia a chegar a elle. Ainda que a razão dictava a alguns que existia, alli uma ilha, a superstição e ignorancia figuravão a outros, misterios sobrenaturaes e horrores. Corria como certo entre os bucaes habitantes, que aquella densa nevoa era o fumo da fôrnalha infernal, de sorte que bem longe de aqúererem investigar, um supersticioso pavor os conservava a isso muy adversos. Raciocinava, com tudo o piloto Mo-

Quintella, nos seus *Fastos*, diz o seguinte. « Neste anno de 1419, descobrirão os Portuguezes por um feliz acaso, a primeira ilha das que hoje possuem no Oceanno. Estava pesaroso o Infante D. Henrique de não ousarem os commandantes das suas embarcações, arrastar com os suppostos perigos do cabo Bojador, quando se lhe offerecerão para isso João Gonsalves por alcunha o Zargo, e Tristão Vaz Teixeira, cavalheiros da sua casa », etc. etc. etc.

Accrescenta que só necessários do temporal, é que depararão com a dita ilha. etc. etc.

raes, que pelas informações que lhe tinham dado os Inglezes, a terra nova que vinhão buscar, não devia estar muito longe, e que estes lhe affirmarão, que em consequencia do mui frondoso arvoredor, de que estava coberta, attrahia uma pezada humidade, que não a deixava enxergar ao longe, e que portanto elle suspeitava ser aquelle negrume, e o devião accommeter.

Nesta perplexidade, resolverão-se os dois capitães a hir pessoalmente examinar aquelle phenomeno, e no primeiro de julho do mesmo anno de 1419, tendo vento favoravel, partirão ás 3 horas antes de nascer o sol em um navio, rebocando dois barcos, e perto do meio dia, se forão chegando ao objecto tenebroso, que tanto mais horrendo se hia mostrando quanto d'elle se approximavão, a ponto que, não distinguindo ainda terra, mais só ouvindo ruído e roncões do mar, começaram a tripulação a bradar aos capitães, que recuassem e se não fossem precipitar naquelle abysmo; mas estes, animosos e despresando o perigo apparente, e a vozaria, empearão sempre com o objecto em vista, e ja cercados d'elle, forão descobrindo por entre a nevoa uns altos pcos, e logo uma ponta de terra, sem ainda acreditarem que a fosse, e porque o navio se chamava S. Lourenço, e então Zargo bradou em alta voz „ oh S. Lourenço chega „ Esta ponta, a mais oriental da Madeira, ainda hoje con-

conserva o mesmo nome. Passando esta para a banda do sul, onde já a nevoa não desciá tanto ao mar virão e conhecerão perfectamente que era terra e então começaram a levantar altos gritos de alegria, e avistando uma espaçosa praia, ahí serão lançar ferro, *com folhos e cantares de jubilo*, ao dizer de Fructuoso.

Ao amanhecer do dia seguinte, se meteu em hum dos bateis, Ruy Peres, com ordem dos Capitães, de ir observar o sitio e disposição da terra, e lhe trouxesse exacta indagação do que achasse. Foi este Ruy Peres o primeiro Portuquez que na Madeira poz pé. Indo pois, e não podendo desembarcar naquella praia, por causa do arvoredó que chegava até ao mar, e numerosas traves que uma ribeira para ahí arrastara, costeou mais para o Poente, e fez varar o batel em um calhau, ao qual chamarão *desembarcadouro*, o mesmo onde os Inglezes tinhão antes aportado. Achando a terra agradável, com bellos prados e denso arvoredó, penetrarão por ella dentro para a examinar, e observarão alguns cortados de madeira, e rastos ou pisadas de gente, até que serão parar nas sepulturas de Machim e Harfet, onde lèrão o epitaphio que relatava tão lastimosa catastrophe. Com estas novas voltarão para o navio.

Então no dia 2 de julho, desembarcarão os capitães com a sua comitiva, e dois sacer-

lotes, os quaes tendo benzido a terra, della tomarão posse, em nome d'Elrei de Portugal o Sr. D. João 1.º com as formalidades do costume. Ao depois, achando dentro do tronco de cedro onde estavam as sepulturas, cavidade sufficiente formada pela corrupção dos annos, ahi prepararão um altar, onde celebrarão em acção de graças, e missas responsos pelos dous cadáveres, isto na data acima, dia da visitação de S. Izabel, ainda hoje muito celebrado na Diocese do Funchal. Não será inutil, tornar a lembrar aqui, que neste mesmo sitio se fundou ao depois, a Igreja, que hoje é denominada da Misericórdia da villa de Machico.

Tratando de investigar as novidades da terra, quasi ainda virgem de humanos, alguns dos argonautas penetrarão pelo arvoredo e ribeira acima, temerosos de encontrarem algum animal venenozo ou nocivo; mas não acharão cousa viva mais do que muitas e diversas aves que se lhes vinhão pousar nos hombros e cabeças, das quaes colherão boa copia assim como de reptis pequenos, ou diminutos lagartos, nesta ilha chamados lagartixas, os quaes ainda hoje abundão tanto que na estação da madureza da uva e da fructa, são tão damnhinhos como ratos em celeiro.

No dia seguinte 3 de Julho, ambos os capitães se embarcárão cada um no seu lanchão, com alguns companheiros, e continua-

rão a correr a costa para o Poente, observando e examinando as suas pontas, praias, ribeiras e nascentes d'agôa, tomando de tudo nota em tombo.

Passando uma ponta, pouco avançada no mar, virão ao pé della uma rocha por onde sahião 4 canos d'agôa tão fresca e cristallina, que d'ella encherão um cântaro para levar ao Infante D. Henrique. Correndo mais alem, acharão em um frondoso val, uma espaçosa ribeira, que vinha desaguar ao mar, e outra abundante fontê que sahia debaixo de uma enorme pedra; por isso a este lugar ficou o nome de *Porto do Seixo*.

Costeando sempre para Oeste, e achando que em alguns lugares o arvoredado chegava até á beira mar, resolverão-se a varar as embarcações em uma formosa praia, verdejante de bastissima vegetação, e por nella acharem muitos cêpos derrubados, d'elles fizeram uma enorme cruz, a qual collocarão no alto de uma arvore, e deu ao lugar o nome de *St.ª Cruz*, onde ao depois se formou uma villa, a mais rica e povoada de toda a ilha, que já chegou a ter alfandega.

Passando mais adiante, toparão com uma aleatilada ponta de terra, onde virão innumeraes aves que vinhão pousar-se-lhes nas cabeças e reinos, as quaes ainda hoje abundão nesta ilha, e são conhecidas pelo nome de *Garajaus*, por isso lhe ficou o nome que ainda conserva de *Ponta do Garajau*, a qual

disto do Funchal perto de uma legoa, e quatro da villa de Machico.

Seguindo sempre o rumo de Poente, descobrirão 4 ribeiras, assaz caudalosas, e a primeira derão o nome de Gonçalo Ayres, por nella desembarcar um mancebo assim chamado, a fim de ver se achava animaes nocivos, mas só aves achou. Logo, em frente tiverão um val dilatado, cuberto de sci-xos ou calhaus, e de pouco arvoredo, junto ao mar, e só cheio de muitos funchos, por isso o denominarão *Funchal*, que hoje é a cidade capital desta ilha. Na sua extremidade occidental, acharão dous ilheos, entre os quaes passarão embarcados a noite, por elles obrigados. Um d'estes serve hoje de principal defeza á cidade, e se chama Fortaleza do Ilheo, e o outro, de caes, achando-se reunido a terra por uma ponte, é denominado *Pontinha*.

No outro dia passarão a examinar uma lingoa de terra que tinham em frente, e por nella arvorarem um cruz; lhe ficou o nome de *Ponta da Cruz*, a qual cruz ainda hoje se conserva e é invocada pelos passageiros que quotidianamente por ali passam embarcados. Esta paragem é muito perigosa com aragem do Sul, por ser cheia de recifes, e nella tem naufragado muita embarcação aberta.

Dobrando os descobridores a dita ponta, desembarcarão em um espraído areal, ao qual chamarão *Praia formosa*, e mais a-

diante acharão uma caudalosa ribeira, a qual, querendo alguns marinheiros passar a van, forão pela sua corrente arrebatados, e se os companheiros embarcados os não soccorressem, terião sem duvida perecido; por isso lhe ficou o nome de ribeira dos *Accorridos* ou dos *Soccorridos*. Passando a diante, toparão com duas pequenas pontas, e logo alem com uma lapa ou enseada cavernosa, na qual estayão muitos lobos marinhos. Ahi se recrearão matando alguns, e ao sitio, denominarão *Camara dos Lobos*; o capitão Zargo, d'aqui tomou o apellido de *Camara*, como adiante verêmos na mercê da *Donataria* de meia ilha que lhe fez El-rei D. João 1.º Seguirão logo a outra ponta, e ahi derão fim á excursão maritima, ou por lhe ficar ja afastado o navio, ou por não poderem descobrir a costa, para baixo, pelo muito arvoredo que a cobria. Era esta ponta muitissimo alcantilada e ingreme, e nella batia o mar com medonho susurro. Aquí pois, limitou-se a meta do descobrimento, por isso lhe derão ao sitio o nome de *Cabo Girão*, isto é, do giro. Com a noite se recolherão ao navio, e no dia seguinte se fizerão de vella para Lisboa, onde forão muito festejados e agradecidos por El-rei e os Infantes, por cuja occazião, se fizerão procissões em acção de graças a Deos, com grandes regozijos, e á nova terra, denominou El-rei Ilha da *Madei-*

ra, em consequência do bastíssimo arvoredó que nella acharão.

Tomou igualmente por fidalgo da sua casa ao descobridor João Gonaalves Zargo; e lhe confirmou o titulo de Camara, dando-lhe por armas, um Escudo em campo verde, e nelle uma Torre de homenagem com uma cruz de ouro e dous lobos marinhos, encostados á Torre com folhagens &c. &c. e por timbre outro lobo marinho sentado. Fez-lhe alem disso mercê, da Donataria do Funchal, que abrangia mais de metade da ilha, isto de juro e herdade, para elle e seus descendentes. Desta sorte, ficou o capitão Zargo sendo chefe, e primeiro tronco da illustre familia dos Camaras desta ilha, donde procedem no Reino outras não menos preclaras, taes como os titulares, marquez de Castello Melhor, conde da Ribeira grande, da Taipá &c. &c.

No anno seguinte de 1420, fez tambem El-rei mercê da capitania da ilha do Porto Santo a Bartholomeu Perestrello, fidalgo da casa do Infante D. João, em cuja descendencia se conservon, como em competente lugar veremos. A segunda capitania Donataria de Machico igualmente adou a Tristão Vaz Teixeira, fidalgo da casa do Infante D. Henrique.

A estes tres Donatarios, forão pois dados a cada um o seu navio, e em pouco partirão para as suas capitancias a povoalas e

planta-las. Deu El-rei ampla licença a todos os homiziados e malleitores, que quizessem hir povoar estas duas ilhas, mas os Donatarios só preferirão levar os que não fossem criminosos de latrocinio e irreligião. Promptos pois e abastecidos de grande quantidade de animaes domesticos de toda a casta, partirão, e forão dar, á ilha do Porto Santo, onde desembarcando a gente dos 3 navios, o Donatario Perestrello escolheo as pessoas e animaes que quiz, e os demais partirão para a Madeira, e aportarão na bahia onde Machim tinha desembarcado, por isso lhe ficou o nome de Machico, em cujo sitio logo levantarão uma Igreja, ficando, como já disse, a capella mor sobre as sepulturas dos 2 Inglezes. Foi esta a primeira Igreja que se levantou em toda a ilha, e nesta villa, collocou Tristão Vaz a cabeça ou côrte de sua Donataria, como Zargo fez no Funchal. Chegando que este ahi foi, fez tambem edificar uma Igreja da invocação de Nossa Senhora, e por haverem nesse sitio muitos calhaus junto ao mar, lhe ficou o titulo de Nossa Senhora do Calhau, a qual o alluvião de 1803 destruiu, restando apenas a torre, que foi mandada demolir em 1835. Por este val a cima, era tão frondozo e espesso o arvoredado que por entré elle se não podia penetrar, e custoso seria acabar com elle á mão, para se poder transitar; assim pois, vio-se o Donatario obrigado a mandar-lhe lançar fo-

gô, o qual achando tanta materia combus-tivel; a tal ponto se ateou, que durante 7 annos lavrou em diversos lugares da ilha, e até nos tocos por baixo da terra sem ser possível apaga-lo, e até houve sitio em que os habitantes se salvarão nas embarcações fugindo aos seus imminentes estragos.

Aplacando-se um tanto no val esta conflagração, resolveo João G. da Camara fazer a sua residencia em um alto no val dos Funchos, junto a cuja casa tambem edificou uma Igreja á Senhora da Conceição, a qual para distinguir da outra, chamavão a Senhora de cima, e contiguo a esta, ao depois o 2.º capitão Donatario, fundou um convento de religiosas franciscanas, hoje denominado Santa Clara.

Passados os primeiros tempos, em que cada Donatario se accommodou na cabeça de sua jurisdição, ambos então se ajuntarão, para correr a ilha, e repartirem igualmente, segundo os estatutos dados pelo Infante D. Henrique, as terras que haviam de caber á administração de cada um. Para esse fim; ajuntarão gente de pé e de cavallo, para por terra hirem avançando pela beiramar, se possível fosse, ao mesmo tempo que barcos devião costear em frente delles, para quando lhes fossem precisos.

Chegados pois a uma altura que domina Camara de Lobos,ahi traçou o capitão do Funchal uma ermida, dedicada ao Es-

pirito Santo, e mais alem, em umas terras altas, outra com a invocação de Santa Cruz ou vera Cruz; na Freguezia do Campanario; estas alturas tomou o dito Donatario para si os seus herdeiros. E logo mettendo-se nos bateis, passou adiante, e a maior parte da gente por terra, mas com imminente perigo a cada passo, por ser ella d'ahi para baixo muito fragosa e escarpada, e só depois de alguns dias, penetrando a custo duas legoas adiante, chegarão ás margens de uma caudalosa ribeira onde os barcos estavam esperando no mar. Analogamente lhe derão o nome de Ribeira brava, que hoje conserva, e chegou a ser de grande povoação e rica em cereaes.

Aqui tornarão os Donatarios a embarcar se, e adiantando se perto de uma legoa para o poente, derão com uma ponta ou lingua de terra que no mar se dilatava, e por que nos seus viciros reflectia o sol, e dardejava a ponto de lhe communicar o seu brilhantismo, por isso a intitularão Ponta do Sol. Aqui traçou logo Zargo uma villa, que foi a primeira da sua jurisdição. Sobranceiro a este sitio para o Norte, escolheu igualmente um dilatado alto terreno para si e seus descendentes, o qual por ser um lombo alcantilado, denominou *Lombada*, a qual hoje de per si forma uma freguezia separada e pertence ao morgado João da Camara de Carvalhal, e forneceo a seu tio de quem é

o herdeiro o título de *Conde de Corvalhal da Lombada*. Esta fazenda no decurso do tempo, chegou a ser tão fértil e cultivada que além de muitos cereaes e vinhos, produzia perto de 30,000 arrobas d'assucar. Hoje é exclusivamente plantada de hortaliça, cereaes e vidonhos que produzem uma baixa qualidade de vinhos, conhecidos pelo nome de *esgana-cão* por antonomasia, ao lugar chamado Jangão.

Pouco adiante, em uma ladeira, traçou o capitão uma igreja com a invocação do apostolo S. Tiago, e não podendo já passar avante, por causa do fogo que andava ateado, mettendo-se todos nas lanchões, e costeando mais duas legoas derão em um desembarcadouro, ao qual chamarão *Calheta*, por ali desembocar uma ribeira, e formar na sua confluencia uma especie de angra entre montes. No alto desta, tomou o capitão Zarco, posse para seu filho João, de uma grande Lombada, a que hoje chamão *Pigarro*, assim como mais duas para Norte e Poente, para sua filha Beatriz.

Pouco além, em uma altura que domina um vasto horizonte, traçou outra Igreja, que invocou N. Senhora da Estrella, a qual em seu testamento, muito recommendou a seus filhos; hoje achasse em completa ruína.

Por baixo, no desembarcadouro em que acima fallei, traçou também o capitão ao

depois com mais vagar a villa da *Calheta*, que veio a ser a segunda da sua jurisdição, donde recebeu o titulo de conde, o Donatario Simão Gonsalves da Camara, por mercê d'El-rei D. Sebastião em 1576. como a diante veremos. Perto de uma millia a Leste do mesmo porto, ha outro desembarcadouro a que chamão *Serra d'agoa*, por nesse sitio ao depois ter um Inglez assentado uma grande serra de madeira que se movia por agoa.

Da *Calheta*, passarão os nossos exploradores á ultima ponta da ilha, por mar, e por nella pescarem um grande pargo lhe porzerão o nome de Ponta do *Pargo*. Aqui virá a ilha para o Norte, com a extensão de 3 legoas e meia rectas, até o cabo mais ao Norte, o qual tendo hir investigar o Donatario de Machico, lhe ficou o nome de Ponta de Tristão, mui pouco arredada do Porto do Moniz. o qual lhe fica a Leste, e aqui se dividião as duas Donatarias, sendo o limite da parte do Sul no lugar do Caniço, em a ponta que chamão da *Oliveira*, por nella terem fixado por marco ou padrão um grande pau d'esta arvore, que o Infante D. Henrique para o mesmo fim mandara de Portugal.

Tendo pois os 2 capitães concordado na divisão e jurisdição territorial, se voltarão ambos, cada um para a sua Donataria, ficando João Gonçalves da Camara com perto de 13

legoas da parte do Sul, que é a mais rica porção da ilha, assim como mais 4 de Poente e Norte, tocando o restante de igual extensão ao outro Donatario Tristão Vaz Teixeira.

Pela costa do Norte para o Occidente, perto de 2 legoas da Ponta que chamão de S. Louronço, está um desembarcadouro que denominão Porto da Cruz, por nelle terem achado um pau em fórma de cruz. Fez ali logo o capitão Teixeira edificar uma igreja, a qual consagrou á invocação de N. Senhora de Guadalupe. Junto á praia d'este lugar, em pouco tempo, chegarão-se a apinhoar numerosas habitações, e nas visinhanças houverão alguns engenhos de assucar, pertencentes a um Antonio Teixeira chamado communmente o Rei pequeno, por ser senhor de quasi 4 freguezias, que hoje comprehende, Porto da Cruz, Faial, St^a Anna o S. Jorge. Este vastalho era dotado de humor turbulento, e não deixou de causar desconfianças no animo dos aulicos e d'El-rei, que o mandon devassar, sem com tudo incorrer em criminalidade. Com o decurso do tempo, estes immensos bens de raiz se forão alienando, e hoje com custo se acharia o obscuro representante de tão avultado proprietario.

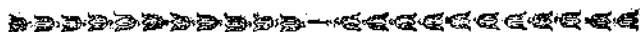
Seguindo sempre a costa d'Oeste, surgirão os exploradores a pequena distancia do Porto da Cruz, em uma praia de calhaus, por onde passava uma formidavel corrente d'a-

goa, a qual hoje se chama Ribeira da Penha d'aguia, e por acharem o terreno contiguo arborizado de innumeraveis faias, lhe pozerão o nome de Fayal. Poucos annos depois, aqui houverão 2 ricos engenhos d'assucar e uma Serra de madeira, movida por agoa, na qual um só homem com pouco custo podia facilmente fazer o trabalho de mais de 12 serradores. D'ahi a uma legoa, ha um alcantilado terreno, o qual Tristão Vaz detalhou em freguezia, e a denominou St.^a Anna. Os escarpados rochedos que a circundão para a parte do Norte, lhe empecem de ter um desembarcadouro. E' nas suas asperas serranias que está situado o famoso Pico do Ruivo, a mais alta montanha de toda a ilha, que em tempo claro os navegantes podem avistar na distancia de 25 legoas ao mar (v. pag. 45.) Continuando a navegar para o Poente, deixarão atraz de si as freguezias que denominarão S. Jorge, Arco, e forão surgir em uma estreita ponta, que se avançava no mar, e por este motivo chamarão á freguezia *Ponta Delgada*, a qual hoje tem villa. E' tradição, que durante a perseguição dos Catholicos por Henrique 8.^o na Inglaterra, um navio desta nação que passava pelas agoas da Madeirs, largasse neste porto um caixão, onde se achou a imagem de Christo crucificado, uma pia de marmore, e um sino, o que tudo aproveitaram os habitantes para ahi erigir uma igreja, a qual é annualmente visitada por hom-

número de romeiros. Existe entre esta freguezia e a do Arco, um passo, sobranceiro ao mar, em menos distancia de meia legoa, feito na rocha viva, com paus e em alguns sitios com pedras, de muito difficil e perigoso transitto. Limitão-no 2 ribeiras, e é conhecido pelo nome de *Entrosa*. Por cima d'esta parochia, isto é, ao Sul d'ella, havia uma extensa serra, a qual denominarão Boaventura; hoje é bem cultivada e povoada. Perto de uma legoa a diante de Ponta Delgada, ha outro mau desembarcadouro, cuja freguezia se chama S. Vicente, a qual ao depois em 1750 foi erigida em villa. A ribeira que por ella corria, era muitissimo caudalosa, e hoje mesmo, apesar da diminuição d'arvoredo que o terreno tem soffrido, não deixa de ter por vezes grande corrente. Duas legoas a Oeste da dita villa, está outro porto a que chamarão Seical, por estar cheio de seixos. Uma legoa mais adiante, está o excellente desembarcadouro do Porto do Moniz, que assim chamarão, do nome do primeiro explorador que ali desembarcou. A freguezia é da invocação de Santa Maria Magdalena, e tem outra Igreja da mesma invocação no alto da dita parochia, onde chamão a *Terra-chã*, a qual fórma uma planicie muito lisa e bem cultivada, com mais de tres legoas de extensão. No baixo della, onde chamão *Fajã*, se erigio o lugar nestes ultimos annos em villa, e é das mais importantes da

ilha. Forma como uma especie de lapinha ou presepe, na base de um enorme penhasco alcantilado, descendo o qual, se goza de um golpe d'optica admiravel. Aqui se dividão as duas Donatarias, isto é, ao pé, na Ponta de Tristão, onde a ilha vai virando para o Sul, descrevendo uma figura de pyramida deitada, com uma baze de 3 legoas e meia.

Tendo pois o capitão Donatario de Machico, tomado a planta geodesica, ou pelo menos, examinado o littoral do territorio que lhe coube, teve de se recolher á sede de sua jurisdicção, e ahí planejar os meios, assim como o seu collega João Gonsalvez, de fazer povôar e cultivar tão dilatados dominios.



CAPITULO VI.

Fragmentos historicos. (*)



O 1.^o Capitão Donatario da parte do Funchal, foi como ja vimos, João G. Zargo, que ao depois se appellidou da Camara, [pag. 111] fidalgo da Caza do Infante D. Henrique Da ascendencia deste illustre varão, pouco se sabe com certeza; alguns o fazem natural de Matosinhos, e talvez fosse esta a razão por que seu neto, 3.^o Donatario, sendo ja velho, renunciando o Governo, se retirou áquella villa, onde morreu em 1530. E' sem duvida, como nota o dento Frei F. Brandão, que nelle fôra sobrenome Zargo, e não alcuuba, como pertende G. Fructuoso, por ter menos um o-

(*) Não me constando existirem Documentos sobre os quaes possa formar com nexo e chronologia uma regular narração da parte historica d'esta ilha, vejo-me constrangido a tratar levemente essa materia, e aos poucos factos que neste capitulo reunio, achei não dever dar outro titulo senão o de *Fragmentos* pelas lacunas que encerrão.

lho, que perdeu no assalto de Tangere, ou por matar ali um illustre Mouro que assim se chamara. O certo é, que nesta jornada ou na de Ceuta em mil 1415, taes provas de valor obrou, que o Infante D. Henrique o armaron Cavalleiro, confiando-lhe tambem a guarda-costa do Algarve e Estreito, onde, de continuo cruzava com caravellas e gallés armadas, o pertendem alguns, fôra elle o primeiro que usou de artilheria no mar, pois a polvora só foi conhecida na Europa pelos annos de 1390. D'elle diz um nosso poeta:

Bem é verdade, que este Lusitano
 Primeiro foi no mar com nome eterno,
 Que usou da dura fructa de Vulcano
 E o salitroso aljofre do Inferno;
 Com que fez aos inimigos tanto danno
 E tanta fama obtêra no Governo,
 Que em quanto Cinthio der raios ao mundo
 Será seu nome em gloria sem segundo.

Aquillo porem em que não ha discrepancia, é no relativo á sua heroicidade, á sua nobreza de sangue e d'alma, e á representação com que se distinguia na Corte, principalmente depois que El rei D. João I.º o nomeara Fidalgo da sua Casa, na volta da descoberta da Madeira, fazendo-lhe mercê do titulo de Don, para si e seus Descendentes.

Fôra casado com D.ª Constança Rodrigues d'Almeida, Senhora nobre, e d'ella teve

3 filhos e 3 filhas. Para estas pediu a El-rei lhe mandasse pessoas illustres para a desposar, ao que D. João 1.º lhe enviou 3 fidalgos com as seguintes linhas " D. João G. da Camara. Eu vos envio 3 Ricos-homens, dos principaes de minha Corte, que são: Diogo Cabral da Casa de Belmonte; Diogo Aff.º de Aguiar, e Garcia Homem de Sousa, para casarem com vossas filhas, e vos recomendo, lhe não falteis com o dote promettido, de 30 mil réis a cada um, &c. &c.

Tendo pois estabelecido seus filhos, e achando-se rodeado de uma numerosa e lúcida descendencia, se applicou assiduamente, em repartir, povoar, e cultivar suas immensas terras, de accordo com as ordens do Infante, Senhor d'esta ilha, como Grão Mestre da Ordem de Christo, a quem El-rei a doara. Tendo-o a Providencia em tudo abençoado, chegou a idade tão avançada, que se fazia pôr ao Sol todos os dias pelos seus criados, e por fim falleceu em 1467, tendo sabiamente governado 47 annos. Jaz sepultado na Capella mór da Igreja de St.ª Clara, que tinha mandado fazer para seu jazigo e de sua descendencia.

2.º Succedeu-lhe seu filho, do mesmo nome e não menor em prudencia e valor, de que deu sobejas provas nas jornadas de Arzilla e de Ceuta. Casou com D.ª Maria de Noronha, neta do Conde de Gijon, bastardo de D. Henrique Rei de Castella, da

qual teve 4 filhos e 8 filhas, das quaes professarão 3 no Convento de St.^a Clara da dita ilha, que elle mesmo edificara, e começou em 1497, e 5 casarão ricamente no Reino. Foi este 2.^o Capitão, espelho de bons costumes, cavalheiro e liberal. Morreu em 1501 com 87 annos de idade em 34 de governo. Jaz em Santa Clara.

3.^o Succedeu-lhe seu filho 2.^o por morte do 1.^o; Simão G. da Camara, chamado o *Magnifico* em razão da sua extrema liberalidade. Guerreou muito com os Monros de Africa, onde levou soccorros de gente e mantimentos por 9 vezes á sua custa em que gastou 80 mil cruzados alem de mais 56 mil. que seus herdeiros vierão a pagar, em remuneração do que fez El-rei, cidade, á sua villa do Funchal, com certos privilegios, a Alfandega, Sé &c &c. Casou por duas vezes, com illustres Donas de quem teve muitos filhos, e em 1528 renunciou o governo em seu filho morgado, e foi para Matozinhos, onde viveo retirado, e faleceo em 1530, tendo governado a sua jurisdição 27 annos. Foi trasladado para o jazigo da familia.

4.^o Tomou posse do Governo em vida do pai, João G. da Camara 3.^o do nome; casou com D. Leonor de Vilhena, filha do Conde Prior D. João de Menezes, de quem teve uma filha e 5 filhos, entre os quaes o celebre Jesuita Luiz G. da Camara, precep-

tor d'El-rei D. Sebastião, e Rui G. da Camara, famoso Capitão de Ormuz no Oriente. Governou só 8 annos e falleceu da peste em 1536.

Foi por esta mesma epoca, que se introduzio na America a plantação da canna de assucar, transportada da Madeira, e que ao depois tan'o damno lhe causou, deixando de fornecer os mercados da Europa d'este genero. Como fallei d'aquella 4.^a parte do Mundo, notarei que a sua descoberta é devida á existencia da Madeira, o que muitos ignorão. O Piloto Alfonso Sanches, natural de Cascaes, navegando em uma caravella, foi arrojado por violento temporal em 1486 a uma remota longitude occidental, onde avistou terra, (a America septentrional) e arribando á Madeira com 3 o 4 marinheiros mui desfalecidos dos trabalhos da viagem, morrerão todos em casa de Christovão Colombo, que ali se achava estabelecido e casado com uma senhora Perestrello, filha do Donatario do Porto Santo. O Diario nautico de A. Sanches, ficou em poder de Colombo, que delle bem se aproveitou para reachar a America em 1492.

5.^o Simão G. da Camara, seu filho, 2.^o do nome e 3.^o Donatario, succeden-lhe. Ainda muito moço e em vida, do pai soccoreu com tal valor e bom exito a villa de Santa Cruz de Cabo de Gué, que causou geral admiração. Em 1538, o casou D. João 3.^o com

D.^a Isabel de Mendonça, Dama da Rainha sua mulher, com o dote de 80 mil cruzados: Em 1542 partio para o seu governo, porem já a costumado em demasia ás delicias e passatemplos da cõrte, regressou para Lisboa com toda a sua familia, deixando o governo da sua jurisdição, entregue a seu tio, F. G. da Camara, homem de espirito fraco e de coragem assaz equivocada, a qual motivou a fatal desgraça, que vou referir.

Em 1566, estando a cidade do Funchal no mais prospero estado a que a tinham levado os interesses do seu commercio, e riqueza territorial da ilha, nella aportarão a 4 de outubro 8 Galloccos de Huguenotes Francezes, da Rochella, em que vinhão mais de 1:000 arcabuseiros, alem de outra muita gente do mar, com tenção de saquearem a cidade; pela fama que soava da sua riqueza e da acitidade em o conseguir. Com elles vinhão alguns Portuguezes, promotores deste nefando attentado, e entre esses um Gaspar Caldeira, o qual ao depois teve uma justa recompensa, pois sendo apanhado em Lisboa, expiou na forca os seus latrocínios, tendo antes cortado as mãos.

Era chefe desta expedição um Molerque, natural da Gasconha, e como viessem preparados para sua damnada tenção, desembarcarão na *Praia formosa*, a uma légua do Funchal, sem a menor resistencia, por não haver suspeita que quizessem acometter a

cidade, pois Portugal estava em paz com França. Nesse mesmo dia, pela manhã, marcharão sobre a cidade, onde chegarão ás 2 horas da tarde, e achando resistencia no portão de S. Paulo, tornearão á estrada, e fôrão subir por um ingreme atalho, que poucos dos naturaes conhecião, no cimo do Pico e ali accometterão á fusilaria um reducto, defendido por gente bisonha com lanças e alabardas, que á pressa o Capitão F. Gonçalves da Camara ali reunira, mas depois d'este desastre, recolheu-se ao baluarte de S. Lourenço, hoje Palacio do Governo.

Os aggressores então em força de 1.000; penetrarão pelo portão de S. Paulo dentro, ao mesmo tempo que outros corpos accommettirão pela calçada do Pico e lado de Santa Catharina. Neste ultimo vinha, o tal chefe, Mulerque, o qual no acto de penetrar na cidade, cahio atravessado de um pelouro, disparado do cubello de S. Francisco. Com tudo não desanimarão, e nomeando por chefe a Fabion Mulerque, seu irmão, accommetterão com vigor o baluarte, que por fim entrarão, e em seguida renderão toda a cidade, onde com tudo acharão resistencia.

Senhores pois do Funchal, onde se demorarão 16 dias, carregarão os Francezes os 8 galloens de quanta riqueza havia na ilha, não podendo levar o muito assucar e vinho que acharão, por estarem já os navios abarrotados de muitos e preciosos moveis.

Na resistência que lhes fizeram, morrerão umas 800 pessoas, e d'elles uns 50, foram feridos, entre os quaes o dito Fabião.

Findos os 16 dias, levantarão ferro, sem fazer danno ás casas, e só nos Templos descarregarão sua ira, roubando-os, queimando as imagens, e praticando toda a sorte de sacrilegios. Em S. Francisco, depois de terem roubado a igreja, matarão 10 frades.

De Machico, tinha partido para Lisboa uma caravella, a dar parte deste successo, o qual sabido pelo Donatario, João. G. Camara, se fez temerariamente á vella, só com 2 navios a socorrer a sua ilha, e o resto da esquadra sahio 2 dias depois, porem á sua chegada, tinham os inimigos partido, haviaõ 6 dias, levando a derrota pelas Carias. Ficarão os naturaes com este saque, reduzidos á indigencia, que por muitos annos se fez sentir, principalmente á classe dos negociantes e mercadores, que em um só dia virão desaparecer todo o seu cabedal, não tendo terras para ao menos resarcir parte do perdido, na sua cultivação.

Foi no governo deste 5.º capitão, que os jesuitas se introduzirão no funchal, e El-rei D. Sebastião concedeo-lhes fundar um collegio e grandiozo templo, que completarão em 1578, dotando-lhes 6003.000 annuaes, e terras, que tornarão mui rendosas.

Em 1576, deu o mesmo Rei o titulo de Conde da Calheta ao dito capitão, em remun-

neração de seus serviços, juntamente com o privilegio exclusivo dos moinhos, o que só se podia avantajár ás melhores casas do Reino.

Continuou sollicito na boa administração da sua Donataria até o anno de 1580 em que falleceu com 68 annos de idade e 41 de governo.

6.º Succedeu-lhe na Capitania seu filho João G. da Camara, 2.º Conde da Calheta, e 6.º Donatario, que pouco lhe sobreviveu e morreu de peste em Almeirim.

Logo que Philippe 2.º usurpou a coroa Portugueza, mandou á Madeira por governador geral ao desembargador João Leitão, cujo posto exerceu até 1582, em que cedeu o de general das armas a D. Agostinho Herrera, Conde de Lancerote. A razão d'este fidalgo passar ao seu governo, foi o temor que havia de uma invasão Franceza, a favor de D. Antonio Prior do Crato, o que não tendo effeito, elle se retirou para Hespanha em 1584, e continuou a governar João Leitão e os que se lhe seguirão com as attribuições militares e civis reunidas.

1.º O primeiro Donatario da Capitania da Machico, foi como já vimos, Tristão Vaz Teixeira, fidalgo da Casa do Infantado D. Henrique, a quem comettera juntamente com Zargo a descoberta da Madeira, concedendo-lhe El-rei por brazão d'armas uma Fenix. O seu territorio estendia-se desde o

Canicão, no Sul, até ao Porto do Moniz no Norte, abrangendo perto de 18 legoas de costa; cuja sede era a villa de Machico, porém inferior á de Santa Cruz, distante uma legoa. Do seu governo nada se sabe com veracidade; só consta morrerá em Silves no Algarve, com 80 annos de idade, tendo governado 50. 2.º Succedeu-lhe seu filho Tristão Teixeira, o qual pouco residio na sua capitania, exercendo empregos honrozos na Corte, onde era bem visto e estimado. 3.º Seu filho, primogenito, que governara durante a sua ausencia, lhe succedeo tendo o mesmo apellido, e por sua morte seu unico filho. O 4.º e ultimo da varonia chamado Diogo Teixeira o qual sendo ainda criança, cahindo lhe sobre a cababeca uma telha, ficou com o cerebro alienado, governando na sua incapacidade mental, accessores nomeados por El-rei, até á sua morte succedida em 1540, e como não deixasse filho varão, vagou para a Coroa a Donataria, e della fez D. João 3.º mercê em 1544 á D. Antonio da Silveira do Mebezes, que a empenhou ou vendeu por 24 mil cruzados a retro por 6 annos, a Francisco de Gusmão, com as mesmas clausulas com que lhe foi dada, e este a outorgou em dote á sua filha D. Luiza de Gusmão que casou com D. Antonio de Portugal, Conde de Vimioso, o que El-rei confirmou, como a havia possuido D. Antonio da Silveira, e nestes tempos foi sem-

pre governada por buvidores, até nella entrar por nova mercê. Tristão Vaz da Veiga, que veio a reunir o governo de ambas as capitánias, pela usurpação que d'ellas fez Philippe 2.º

ILHA DO PORTO SANTO.

Esta ilha em que Portugal Velho, estabeleceu a sua primeira colonia maritima, está situado em lat. N. 34.º e long. Occ. 7.º, perto de 140 legoas de Lisboa, e 11.ª N. E. da Madeira. A sua configuração é triangular, com quasi 2 legoas de comprimento, 1 de largo, e 5 de circumferencia, com varias pontas, cabos e illotas que a todoião, as quaes fornecem a unica pedra calcaria, de que se faz uso na Madeira. Apesar d'esta ilha em geral ser plana quasi no centro contem um alto pico ou monte escarpado e oblongo, com sua planasforma no cume, e uma arruinada fortificação, onde os habitantes se recolhião e defendião, em occasiões de rebato, pois a fraqueza da povoação por vezes excitou os Mouros e Hespanhoes, a atacala e rouba-la.

O seu terreno é arenento, sêco, e pouco apto para vegetação; apenas contem 2 fontes e poucos minadoiros d'agua, algumas figueiras, amoreiras e zimbrapiros; em geral tem muy poucas arvores, e o combustivel lhe vai da Madeira. Em recompensa é muy

rica em cereaes e vinhos, e a colheita annual pode-se calcular como segue: Vinho 1:000 Pipas; Trigo 180 Moios; Cevada 750; Centeio 12; Milho 7 e Lentilhas 50; algumas Molancias e pouco Gado. O vinho ainda que de baixa qualidade, produz excellente aguardente na proporção de menos de 5 Pipas por 1 de espirito; o Trigo é o melhor do Mundo, e mui grado e alvo; e a Lentilha é tambem muito boa.

A sua administração compoem-se de 1 governador, subordinado ao da Madeira, de officiaes ordinarios, e de uma Municipalidade na villa do *Porto Santo*, que abrange quasi a unica Povoação da ilha, que chega a 1:500 habitantes. São em geral muito enfiadados de Nobreza, mui simples e singueres, e limitados a uma pequena esphera de saber e de percizões.

Esta ilha foi descuberta pelos annos de 1517 ou 18, porém como e por quem, não se sabe ao certo. Pertendem alguns que nella aportassem os Francezes que passaram á conquista das Canarias, os quaes achando-a pequena e deserta não a presidirão, o que vindo a saber o Infante D. Henrique, a mandou povoar e habitar por Bartholomeu Perestrello, fidalgo da Casa de seu irmão o Infante D. João. Dizem outros que o mesmo Perestrello é que a descobriu, porém a opinião mais seguida é que esta honra coube a J. G. Zargo, em 1498, e por nella arri-

bar com temporal, lhe poz o nome de Porto Santo, ou da Salvação.

O certo porem é, que El-rei fez mercê da Capitania Donatária desta ilha a B. Perestrello, como diz Fructuozo, estrella de Nobreza e valor, de juro e herdade para si e seus descendentes, em linha recta, e que este partindo em 1421 para a sua jurisdição, e levando alem d'outros animaes uma coelha preta, o vindo esta a parir em terra, foi tão prodigiosa a propagação de coelhos, que em pouco devorarão toda a vegetação, e não permittião que se cultivasse o terreno com proveito, pelo que desgostoso elle, se retirou para Portugal onde morreu.

Succedeu-lhe seu filho do mesmo nome na Donatária, porem sendo ainda criança, e não querendo a mãe viver mais na ilha, obteve alvará, para vender a Capitania a seu genro Pedro Correia Capitão da Graciosa pela somma de 200\$000 e 30\$000 de juro. Este governou até que o legitimo Dono, tendo idade, e vindo d'Africa do serviço Real, obteve sentença que invalidou a alvará, e lhe mandou restituir com os renditos. A este 2.º Donatário, succedeu seu filho do mesmo nome, o qual passou a segundas nupcias matando a 1.ª mulher, de quem teve filho unico a Garcia Perestrello que lhe succedeu, porem mesmo em vida do pai tendo casado com a filha do De.º Diogo Taveira, seguiu o seu exemplo, matando-a; e foi justigado

em Lisboa. Seguiu-se-lhe seu filho &c. &c.

Esta capitania, que sempre se conservara na família dos Perestrellos, foi della 8.^a e ultimo Donatario. Estevão Bettenceurt Perestrello, que morreu em Lisboa andando requerendo a El-rei D. Joze I.^o indemnisações pela extincção, que de todas estas instituições feudaes fizera, remunerando-as com títulos, mercês &c. porem neste caducatio as pertencções, e vagando assim para a Coroa foi esta ilha, provida com Magistrados Regios, como acontecêra á Madeira.

Rematarei, este bosquejo sobre a Madeira, narrando a desastrosa alluvião de 9 de outubro de 1803. Este dia começou escuro e carregado, e uma densa nevoa se avizinhou até á cidade. Ás 10 da manhã, principiou a febrilhar, e foi em augmento até á meia da tarde, sem que já cabia copiosa chuva; pelas 6 se levantou o nevoeiro; po. em neste espaço, se firmou uma trovoadá horrenda, a atmosphera se carregou de nuvens negras e espessas; foi então que desde as 6 até ás 8, cahio sobre a maior parte desta ilha, a mais desusada pancada d'agua, impellida de fortes rajadas de vento. A cada pelas 7 horas, corrião as ribeiras impetuosas e medonhas, porem tendo a grande enchente sido repentina, e transbordando-se, não tiveram tempo os seus vizinhos, de fugir, e assim tudo foi confusão estragos e morte. O ruido espantoso de 3 ribeiras, rolando milhões de pedras enormes, de ma-

deiras, d'árvores, de gado; o rumor das casas que ora se batião ou erão arrebatadas ou inundadas; o estrondo dos trovões e a vozeria de 4-5000 pessoas alagadas, assemelhavão este quadro ao da anniquilação dos elementos. Não era porém n'outros sitios menor o estrago, pois em mais de 12 legoas no Sul, entre a Madalena e a Ponta de S. Lourenço, 16 ribeiras e mais de 100 ribeiros, e por 6 legoas no Norte, desde a dita até S. Jorge as grandes ribeiras e muitas menores, levarão nos seus alveos e encostas, pontes, terras, paredes, vinhas, arvoredos, casas e animaes.

Na cidade, a maior altura das agoas nas ruas inundadas, chegou a 16 pes, e as portas que se achavão fechadas, forão subitamente arrombadas pelo seu pézo, e os objectos que dentro estavam ficarão ou estragados ou extraviados. A costa achando-se embardada de um alto montão dos mesmos destroços, que o mar regeitava, ainda mais avivava a consternação geral. Pode-se calcular, como segue, a perda experimentada por este alluvião.

== Mortos na cidade: 176; nos âcampos 26; cavalos e bois 18; porcos 256; igrejas destruidas 4; inundadas 5; pontes de pedra levadas 10; de madeira 13; casas levadas 100; arruinadas 50; ameaçadas das ribeiras 150; loges de commestiveis e vinho alagadas 600; ditas de fazendas 30. Além do que ficou estragado, extraviarão-se 980 moios de trigo, 200 de milho, 200 barris de farinha; 68000 pipas de vinho, e outras tantas nas paíreiras.